padre sinistrari d'ameno

COORDENADA EDITORA DE BRASILIA

o livro dos demônios

MUITOS SÃO OS BEBÊS DE ROSEMARY

AGUINALDO SILVA

Uma pesquisa feita pelos livreiros norte-americanos, ano passado, resultou surpreendente: Na preferência do público leitor, os superagentes secretos e suas esgalgas louras nuas haviam cedido o primeiro lugar a um tipo insólito, subterrâneo de literatura pára-cientifica e pára-teológica: A demonologia, a magia negra, as investigações sôbre o fantástico mundo do além. Indo mais adiante, a tal pesquisa descobriu que a curiosidade em tôrno do assunto até então pràticamente morto resultara no surgimento de um surto de magia, agora praticada livremente nos corredores dos enormes arranha-céus nova-iorquinos, ou sob as árvores mais escuras do Central Park. Os violadores de mulheres, os assaltantes armados de metralhadoras, deram lugar, no famoso parque da maior cidade do mundo, às bruxas desvairadas e aos possuídos, que realizam tôdas as sextas-feiras seus secretos sabás. Trata-se de um fato surpreendente: A até então apenas prática, a civilização norte-americana passava a procurar um derivativo nos labirintos do fantástico.

O interêsse em tôrno da demonologia, da magia, da feitiçaria, claro, não é apenas interêsse dos americanos. O êxito mundial do filme *O Bebê de Rosemary*, da dupla Roman Polansky-Ira Lewin, demonstra de que maneira o assunto tornou-se atual. No nosso País, das habituais sessões de Umbanda, e dos pais-de-santo folclóricos de Jorge Amado, a preocupação com a demonologia não é maior; a bruxa, entre nós, está sempre sôlta, pairando no ar, e o brasileiro não esquece jamais suas obrigações para com as divindades, as católicas e até as menos.

Por conta dêsse interêsse, que sabemos não só norte-americano, mas também mundial — e portanto brasileiro — é que a Coordenada-Editôra de Brasília resolve lançar a coleção *Textos Insólitos*, na qual haverá sempre lugar para livros sôbre demonologia, magia e as chamadas "ciências secretas", todos, assuntos muito sérios. A demonologia, por exemplo, vai encontrar suas raízes mais fundas na repressão, principalmente a sexual: os possuídos pelo demônio, os histéricos que na Idade Média eram submetidos aos rituais de exorcismo, hoje estão mais cômodamente afundados nos divãs dos psiquiatras. Mas a repressão ainda é a mesma, como diz Roland de Vileneuve no seu monumental trabalho "A Erotologia de Satã".

Em *O Livro dos Demônios* (que tem em latim um título bizarro: "Da Demonialidade e dos Animais Íncubos e Súcubos"), um padre capuchinho faz um curioso estudo do demonismo, dos possuídos, e coloca, freudianamente, o problema de um ponto de vista mesmo da repressão sexual: Até a tão badalada sodomia é aqui analisada (e absolvida) em suas possíveis relações com o demônio; é aí que o livro foge do fantástico e se instala na área científica dos estudos sociais e da psicologia. É tudo isso que faz ainda mais atual êste livro sôbre um tema que atrai cada vez mais o interêsse dos leitores de nossos dias.

Mais um lançamento da

COORDENADA
EDITÔRA DE BRASÍLIA LTDA.

O Livro dos Demônios

O Livro dos Demônios

e dos animais íncubos e súcubos

LOUIS MARIAE SINISTRARI D'AMENO

tradução e introdução de

FOED CASTRO CHAMMA

Coordenada-Editôra de Brasília Ltda.

título do original francês:

De La Démonialité et des Animaux Incubes et Sucubes

traduzido por Foed Castro Chamma, que também escreveu a introdução.

Capa e planejamento gráfico de Luli e Luís

Revisão de *Ivo Ferreira*

Volume 1 da coleção *Textos Insólitos*

Volume 2 (a sair): *Os Paraísos Artificiais* Charles Baudelaire

---

Todos os direitos desta edição reservados em língua portuguêsa à

Coordenada-Editôra de Brasília Ltda.

Caixa Postal 2250

Brasília — Distrito Federal

Composto e impresso no Brasil — printed in Brazil

ONDE FICA O INFERNO

FOED CASTRO CHAMMA

A maneira radical com que se impõe a doutrina cristã com o evento da Nova Igreja traz, para a civilização, uma transformação cujos elementos seriam extraídos justamente dos aspectos opostos desta mesma doutrina. Ao se alterar o antigo *statu* de uma ética que se baseava nos recursos individuais de defesa para o comportamento do homem em relação à vida, verificou-se uma transformação comparada a uma mudança de claro e escuro. O arbítrio do homem, antes sujeito apenas às injunções de um Deus, Jeová, que lhe impunha normas de ação tribal pelos exemplos extraídos do Velho Testamento, e que não iam além de atitudes claras e vingativas, de súbito se volta para a noção do êrro e do castigo por um exemplo de passividade configurado na paixão e morte de Nosso Senhor. A crucificação de Jesus, encarnando os opróbrios humanos, seria um ato de martírio que legaria à humanidade a noção de culpa e expiação pelo próprio exemplo do Mestre. Esta consciência do pecado deveria alterar a visão de uma realidade que se processava em dada dimensão, acrescentando-lhe a profundidade que iria servir para sempre de substrato ao dogma da Igreja, uma profundidade em que o natural se mesclava ao sobrenatural.

As correntes religiosas derivam sempre da mesma fonte, e tendem a levar ao homem o conhecimento de sua própria condição de ser diante da vida. A visão diuturna dos deuses cede lugar à cabala, a cabala se dissolve na encarnação de Deus através de seu próprio filho, que devolve ao homem a consciência de suas limitações. Eis que o homem se vê novamente tentado ao pecado pelo conhecimento do pecado. Êste é o drama da humanidade desde a crucificação. Ao homem é negado o

convívio com os deuses desde que seus atos se revistam de uma noção de culpa imposta pela alienação diante do real, pela alienação diante do que seria sua verdadeira salvação se chegasse como antes à verdade de cada coisa e não aos atributos dessas mesmas coisas em relação à sua falta. Mas a intenção de Jesus foi elevar o homem através da consciência do pecado. De que maneira? E que é o pecado? De maneira a redimi-lo pelo perdão, que em si mesmo é amor. O pecado seria sua falta no sentido em que cada falta é o êrro devolvido em outro êrro. É neste sentido que se desenvolve a moral cristã. Das profundezas do abismo de sua queda é que emerge a figura renegada do Demônio, sombra sinistra do próprio homem sôbre o qual se imputa o conluio, como a um duplo. Como renegá-lo? Renegando-se a si próprio? Seus defeitos, suas astúcias, suas asperezas são a projeção dos próprios defeitos humanos. E é dêste conhecimento que a Igreja extrai os estatutos de seu código. Um código de moral que resulta na dialética da tentação e da expiação. O autor de *O Livro dos Demônios* quase esclarece os leitores de seu extraordinário Manuscrito, e seu gênio não poderia omitir-se, embora a obra transcorra em planos que levam o leitor a apreciar, figuradamente, o que se constitui no mais violento libelo da humanidade: o Demônio.

Não são apenas os contos inseridos no conjunto do livro que atraem o leitor para uma atmosfera que se dilui com os avanços de nossa era, e que era o fator de todos os receios e temores dos crentes de eras passadas; é a inteligência do autor ao subordinar o tema a uma lógica de ferro, despertando-nos para a visão de uma verdade que se poderia adequar ao pensamento de Elifas Levi, ao afirmar em seu Dogma e Ritual da Alta Magia que "deve existir uma proporção exata entre as ações do homem e a criação determinante de sua vontade, que faz dêle, definitivamente, uma potência do bem ou um auxiliar do mal."

Os Íncubos e Súcubos seriam o homem e a mulher, sêres humanos, portanto, em estágios alucinatórios de fornicação. Os fantasmas do pensamento amoroso dissolvem a integridade do espírito, que deveria ou sujeitar-se aos padrões da moral do claustro ou ser lançado às torturas das labaredas do Inferno. Êste é o dilema do homem religioso.

Um livro que tem sua sacralidade fundamentada na concepção de uma moral fundada sôbre o pecado original, ou seja, o pecado do nascimento, e que por isso mesmo submete o ser a uma irremediável condenação, não pode deixar de interessar à perspicácia de nossos dias, em que a tomada de consciência entre as pessoas e as massas é um fato, em que a psicologia realiza prospecções profundas e traz à claridade fatôres outrora relegados a um exame unilateral, a um exame do culto religioso apenas.

A luz negra, conhecida dos hermetistas, teria servido de referência à imagem de sombra que se fêz do ser caído e excecrado por seus vícios. Não há dúvida que uma trama bem urdida, um enigma inextricável serviu de arcabouço para a estruturação de um poder exercido sôbre a realidade física e ontológica do homem, para o qual não resta outro caminho senão o das sombras, das incursões difusas, a partir de que se funda tôda uma obscura condenação.

O estabelecimento de regras de moral sob a imposição de leis que se apóiam no complexo de culpa inerente à condição humana desencadeou uma ortodoxia contrária, um culto ao avêsso dos desregramentos totais, realizado nas concentrações noturnas dos *sabat,* como materialização frenética dos desejos alucinatórios, das imaginações febris dos aldeões da Idade Média. A alucinação erótica alçou-se à categoria de fábula por uma legenda que encontrou na abstinência forçada o estímulo à sua divulgação, sobretudo pelo castigo das penitências. Foi talvez nessa idade passada que se realizou, verdadeiramente, e com maior intensidade, o fenômeno de exacerbação de uma ordem que, de tão ortodoxa nos seus preceitos, tenha despertado por isso mesmo o excesso das classes marginalizadas, que se entregavam ao culto daquilo que seria o contrário da moral e que se ligaria a esta nos claustros, nos recintos velados, por um estranho fenômeno de reversão.

Existe, mesmo, um aspecto obscuro, que constitui o fundamento filosófico da doutrina, sôbre o qual está assente o culto essencialmente mágico da religião. O culto repousa sôbre a própria criatura humana, em sua condição, segundo os conhecimentos da sabedoria antiga, de luz caída ou treva materializada. Helena Blawatski, em sua Doutrina Secreta, não vacila em afirmar que "Satã representa a energia ativa, ou como Baissac a denomina, energia centrífuga do universo (no sentido cósmico). Êle é Fogo, Luz, Vida, Luta, Esfôrço, Pensamento, Consciência, Progresso, Civilização, Liberdade, Independência. Ao mesmo tempo é Dor, que é a reação do prazer, da ação, e a Morte (que é a revolução da vida), Satã, ardendo em seu próprio inferno, produzido pela fúria do seu próprio ímpeto: a desintegração expansiva da nebulosa, que tem que se concentrar em novos mundos. E devidamente foi uma e outra vez burlado pela Inércia Eterna da energia passiva do Cosmos — o "Eu sou" inexorável —, o Pedestal de onde saltam as chispas. E devidamente... são êle e seus aderentes... consignados ao "Mar de Fogo", porque êste é o sol (apenas num sentido, na alegoria cósmica), a fonte da vida de nosso Sistema, onde são purificados (querendo dizer com isso desintegrados) e agitados para sua reconstrução em outra vida (a Ressurreição, — êste Sol, o qual, como origem do princípio ativo de nossa terra é, por sua vez, o lugar e a fonte de Satã no mundo..."

Não se pretende discutir a autencidade das intenções do pequeno Manuscrito, mas urge um confronto de idéias, uma aferição de seus valôres transparentes, já que o espírito que nos anima é o da apresentação de uma obra que se expõe à confrontação filosófica em razão de sua própria finalidade, no momento exato em que se resolve todo o grande acervo de uma cultura acumulada durante vários séculos. O processo de conscientização implica também numa clarificação dos nossos componentes histórico-culturais em dado momento de esfôrço de auto-revelação, de universalização da criatura humana. E seria lícito supor que o Demônio, sendo o regente de nossas ações, pudesse aplacar o desejo que temos de revelá-lo para o seu melhor entendimento?

A mesma Srª Blawatski se refere em seu citado livro aos "Atlantes, primeira progênie de homens semidivinos depois de sua separação em sexos, portanto os primeiros engendrados e os mortais que primeiramente nasceram de maneira humana. Foram os primeiros "sacrificadores ao Deus da Matéria". São êles, no obscuro e remoto passado, em idades mais que pré-históricas, o protótipo sôbre o qual se construiu o grande símbolo de Caim, os primeiros antropomorfistas que adoraram a Forma e a Matéria, culto que logo se degenerou em pessoal e que logo se conduziu ao falicismo que reina supremo até hoje no simbolismo de tôdas as religiões exotéricas de rituais, dogmas e formas. Adão e Eva converteram-se em matéria, ou proporcionaram o terreno, ou seja: Caim e Abel: êste último, como solo portador de vida; o primeiro, como "agricultor dêste terreno ou campo."

Como se vê, há uma evidente contestação à idéia dos demônios como sêres elementais, mas esta mesma contestação se dilui diante da afirmativa do autor de que "não existe nenhuma absurdidade ao dizer que certos Anjos são corpóreos, pois o nome Anjo é dado a homens que, seguramente, têm um corpo". De onde se pode supor que, a par de um comportamento teológico, foi desenvolvido um comportamento filosófico com evidente intenção de resguardar os aspectos racionais que pudessem dar curso às idéias dos Íncubos e Súcubos. E é por tal aspecto que a obra, apesar de suas várias incursões no terreno da pura fantasia, traz ao leitor momentos severos de reflexão, podendo-se admitir, mesmo, alguns resquícios de intenção polêmica levada ao seio da massa de leitores para o qual a obra se destinara. E não é outra nossa intenção ao pretendermos ressaltar condições opostas de reflexão, que se impõem pelas próprias fontes de onde foram extraídas.

O mesmo sentido que se dá às criaturas voltadas para o mistério de suas inclinações apaixonadas, um sentido que reflete fatôres existenciais menos afeitos às normas comuns e que no entanto são os atributos dessas mesmas criaturas, não poderia desvirtuá-las jamais perante as vigências religiosas, desde que seu comporta-

mento obedece a uma série de implicações que, no mínimo, redundam em problema iminentemente de ordem afeita a outras especializades, menos à religiosa. No entanto, êste não é o critério, um critério científico, e sim o critério da hipótese demoníaca, na qual a exclusão se processa por absoluta parcialidade. Tal é o exemplo da Demonialidade: o afastamento de uma ética estritamente predeterminada levanta tôda uma atmosfera de sombras e enxôfre e tôda uma tradição de rebelados se institui no cortejo negro da negação e da mentira. "O deserto é o refúgio do pecado". "Os monstros reais ou fabulosos que povoam o deserto são, na Bíblia, o sinal triste e feio do pecado." Está escrito em Satã, Etudes Carmélitaines, de Desclée de Brouwer, 1948. Existe o Demônio, existem os Íncubos e Súcubos na figura dêsses animais que a lenda ibérica chama de Duendes? Ou serão aberrações de espíritos saturados de solidão, que à noite se desprendem e vão ao encontro do objeto das suas palpitações? Esta a indagação que o Manuscrito responde em suas páginas repletas de sabedoria. E responderá de maneira afirmativa.

PREFÁCIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

(Paris, 1875, *in*-8º)

Estava em Londres no ano de 1872, consultando os alfarrábios, *Car que faire là-bas, à moins qu'on ne bouquine?* Os livros antigos faziam-me viver em idades passadas, feliz por escapar ao presente, por trocar as pequenas paixões do dia pela tranqüila intimidade com os Alde, os Dolet ou os Estienne.

Um dos meus livreiros favoritos era o senhor Allen, respeitável ancião, estabelecido em Euston Road, quase à entrada do Regent's Park. Não que sua loja fôsse particularmente rica em alfarrábios empoeirados: ao contrário, era muito pequena, e todavia nunca repleta. Apenas quatro ou cinco centenas de volumes, muito limpos, luzidios, arrumados com simetria sôbre prateleiras ao alcance das mãos: as de cima permaneciam vazias. À direita, a Teologia; à esquerda, os Clássicos gregos e latinos, em maioria, com alguns livros franceses e italianos, pois tais eram as especialidades do senhor Allen. Dizia-se que êle ignorava absolutamente Shakespeare e Byron, e que a literatura de sua pátria não ia para êle além dos sermões de Blair ou de Macculloch.

O que, à primeira vista, impressionava em seus livros, era a modicidade dos preços, comparados ao excelente estado de conservação. Evidentemente não foram comprados às pilhas, ao metro cúbico, como os refugos das vendas públicas, e portanto os mais belos, os mais antigos, os mais veneráveis por seus formatos in-folio ou in-quarto não eram cotados por mais de 2 a 3 shillings,

os in-doze seis pence: cada um segundo seu tamanho. Assim o decidia o senhor Allen, homem metódico como era, e bem se acreditava, pois sua clientela de *clergymen*, de *scholars* e de *collectors* permanecendo-lhe fiel, seu *stock* se renovava com uma rapidez que especuladores mais pretensiosos pudessem talvez cobiçar.

Mas de que maneira obtinha êle êstes volumes bem encadernados e bem conservados, que, em qualquer outra parte, eram cotados cinco ou seis vêzes mais caros? Aqui, ainda, o senhor Allen possuía seu método, seguro e regular. Ninguém seguia mais assìduamente que êle as vendas públicas que se fazem cada dia em Londres: seu lugar ficava em baixo da cadeira do *auctioneer*. Livros os mais raros, os mais preciosos, passavam diante dêle, disputados por preços muitas vêzes fabulosos pelos Quaritch, pelos Sotehran, os Pickering, os Toovey, e outros bibliópolas da capital britânica; o senhor Allen sorria destas loucuras: uma vez dado o lance por outro, êle não acrescentava um *penny*, se se tratasse de um Gutenberg desconhecido ou do Boccage de Valdarfer. Mas se de um tempo a outro, ou por distração, ou por lassitude, a concorrência dos compradores enfraquecia (habent sua fata libelli), o senhor Allen estava la: seis pence! e muitas vêzes o artigo ficava com êle; Algumas vêzes mesmo, dois números consecutivos, por não encontrarem comprador isoladamente, eram por êle arrematados, sempre por êste mínimo de seis pence, que era o seu máximo. Muitos dêsses rejeitados mereciam-lhe sem dúvida a sorte; mas êle podia descuidar-se de números que não eram indignos das honras do catálogo, e que, a qualquer momento, compradores mais atentos ou menos caprichosos dêles se beneficiassem. Isso, todavia, não entrava por nada nos cálculos do senhor Allen: a única regra de sua estimação, era o formato.

Ora, um dia após um leilão considerável êle exibiu em sua loja compras mais numerossa que as de ordinário e eu percebi especialmente alguns Manuscritos em língua latina, cujo papel, escritura, encadernação, denotavam origem italiana, e que podiam ter duzentos anos de existência. Um tinha por título, penso: *De Venenis*, outro: *De Viperis*, um terceiro (a presente obra): *De*

Doemonialitate, et Incubis et Succubis. Todos os três, além de que, de autores diferentes, e independentes um do outro. Venenos, víboras, demônios, que horrores reunidos! não obstante, fôsse por delicadeza, era necessário comprar alguma coisa; após alguma hesitação, foi o último que escolhi: Demônios é verdade, mas Íncubos, Súcubos, o assunto não era vulgar, e menos vulgar ainda a maneira como me parecia ser tratado. Rápido, adquiri o volume por seis pence (63 centavos), um preço razoável por um in-quarto: o senhor Allen julgava sem dúvida estas garatujas abaixo da tarifa da letra de imprensa.

Êste manuscrito, em papel resistente do Século XVII, encadernado em pergaminho da Itália, e de conservação perfeita, possui 86 páginas de texto. O título e a primeira página foram feitos pela mão do autor, uma escrita de velho; o resto parece nìtidamente escrito por outra mão, mas sob sua direção, como testemunham certas adições e retificações autógrafas espalhadas em todo o corpo da obra. É pois um Manuscrito original, segundo tôda a aparência única e inédita. Nosso alfarrabista fêz esta aquisição alguns dias antes na sala *Sotheby*, onde teve lugar (de 6 a 16 de dezembro de 1871) a venda dos livros do barão Seymour Kirkup, colecionador inglês, morto em Florença. O Manuscrito estava assim indicado no catálogo de venda:

Nº145. AMENO (*R. P. Ludovicus Maria* (*Cotta*) de). *De Daemonialitate, et Incubis, et Succubis, Manuscript.*

Soec. XVII-XVIIII

Quem é êste escritor? Deixou êle obras impressas? Esta é uma pergunta que remeto aos bibliógrafos, pois, apesar de numerosas buscas nos dicionários especializados, nada encontrei a respeito. Brunet (Manual do livreiro, art. COTTA d'Ameno) pressupõe vagamente sua existência, mas o confunde com seu homônimo, e sem dúvida também seu compatriota, Lazaro Agostino Cotta d'Ameno, advogado e literato. "O autor", lê-se, "cujos verdadeiros prenomes, ao que parece, seriam Ludovico-Maria, escreveu diversas obras sérias..." O êrro eviden-

e. O que é certo é que nosso autor viveu nos últimos anos do Século XVII, como resulta de seu próprio testemunho, e que lecionou teologia em Pávia.

Quem quer que seja, seu livro me pareceu muito interessante por diversos pontos de vista, e eu o entrego com tôda a confiança a êste público escolhido, para quem o mundo invisível não é uma quimera. Ficarei muito admirado se após abrir uma página qualquer não seja tentado a seguir o fio da leitura até o fim. O filósofo, o confessor, o médico, encontrarão, com a fé robusta da idade média, exposições novas e engenhosas; o letrado, o curioso, apreciarão a solidez do raciocínio, a clareza do estilo, a graça de narrativas (pois há historietas, e finamente contadas). Todos os teólogos consagraram menos ou mais páginas à questão dos benefícios materiais do homem com o demônio; volumes enormes foram escritos sôbre a feitiçaria, e o mérito dêste trabalho seria menor se se restringisse a desenvolver a tese ordinária; mas tal não é seu caráter. O substrato da obra, o que lhe dá um sentido verdadeiramente original e filosófico, é a demonstração completamente nova da existência dos Íncubos e dos Súcubos na qualidade de animais racionais, de corpo e espírito como nós, vivendo em nosso meio, nascendo e morrendo como nós, como nós enfim resgatados pelos méritos de Jesus Cristo e capazes de salvação ou de danação. Para o Padre d'Ameno, estas criaturas dotadas de sentido e de razão, completamente distintas dos Anjos ou dos Demônios puros espíritos, não são outros senão os Faunos, os Silvanos, os Sátiros do paganismo, continuados por nossos Silfos, nossos Duendes; e assim se acha renovada a cadeia das crenças. Por tal título sòmente, e sem falar do interêsse dos detalhes, êste livro chamará a atenção dos leitores sérios: estou persuadido que não lhes fará mal.

Maio 1875.

ISIDORE LISIEUX

* * *

A advertência que precede estava composta na tipografia e pronta para a impressão, quando, passeando no

cais, encontrei por acaso um exemplar do *Index librorum prohibitorum*. Maquinalmente o abri e a primeira coisa que me cai à vista foi o seguinte artigo: de Ameno Ludovicus Maria. Vide Sinistrari.

Meu coração bateu forte, confesso. Estava enfim no rasto de meu autor? Era esta a *Demonialidade* que eu ia ver fixada no pelourinho do *Index*? Percorri as últimas páginas do temível volume, e li:

SINISTRARI (Ludovicus Maria) de Ameno, *De Delictis et Poenis Tractatus absolutissimus. Donec corrigatur. Decr. 4 Martii 1709. Correctus autem juxta editionem Romanam anni 1753 permittitur.*

Era êle mesmo. O verdadeiro nome do Padre d'Ameno era Sinistrari, e eu possuía o título de uma pelo menos dessas "obras sérias" às quais o bibliógrafo Brunet fazia alusão. Mesmo êste título, *De Delictis et Poenis*, estava em concordância com o de meu Manuscrito, e tive oportunidade de zupor que a Demonialidade era uma peça dos delitos examinados e julgados pelo Padre Sinistrari! em outras palavras, êste manuscrito, aparentemente inédito, encontrava-se talvez publicado na volumosa obra que me era revelada; talvez ainda era à monografia da Demonialidade que o *Tractatus de Delictis et Poenis* devia sua condenação pela Congregação do *Index*. Todos êstes pontos precisavam ser verificados.

Era necessário tentar investigações dêste gênero para conhecer as dificuldades. Interroguei Catálogos de livros antigos que me caíram às mãos; remexi as ante-salas dos alfarrabistas, dos antiquários, como se diz na Alemanha, dirigindo-me particularmente às duas ou três casas que exploram em Paris a velha teologia; escrevi aos principais livreiros de Londres, de Milão, de Florença, de Roma, de Nápoles: tudo sem resultado; o nome mesmo do P. Sinistrari d'Ameno parecia desconhecido. Deveria sem dúvida ter começado por uma investigação em nossa Biblioteca Nacional; esforcei-me para recorrer, e lá pelo menos tive um comêço de satisfação. Apresentam-se a mim duas obras de meu autor: um in-4º de 1704, *De Incorrigibilium expulsione ab Ordinibus, Regularibus*, e

o primeiro tomo de uma coleção de suas Obras completas: *R. P. Ludovici Mariae Sinistrari de Ameno Opera omnia* (Romae, in domo Caroli Giannini, 1753-1754, 3 vol. in-folio). Infelizmente êste primeiro tomo não continha senão a *Practica Criminalis Minorum illustrata*: o *De Delictis et Poenis* era objeto do tomo terceiro, e êste último volume, assim como o segundo faltavam na Biblioteca.

Eu possuía, não obstante, um indício positivo, e continuei minhas buscas. Talvez seria mais feliz na Biblioteca do Seminário de Santo Sulpício. Ela não é pública, é verdade, mas os Padres Sulpicianos são hospitaleiros: não deram êles já asilo a Des Grieux arrependido, e Manon Lescaut não pisou as lajes de seu parlatório? Ousei portanto me aventurar naquela santa casa; era meio-dia e meia, o jantar terminava; perguntei pelo bibliotecário, e ao cabo de alguns minutos, vi chegar a mim um pequeno ancião de uma polidez irrepreensível, o qual me fêz atravessar o parlatório comum para me introduzir em um outro muito mais estreito, uma simples cela dando sôbre um corredor, vitrada em tôda sua largura e aberta assim para todos os olhos. Precaução engenhosa que a evasão de Des Grieux havia bem mostrado a urgência. Não foi sem certo pesar que fiz compreender ao bom padre, que era surdo e míope, a razão de minha visita. Êle me deixa para ir à biblioteca, e volta em seguida, mas com as mãos vazias: lá também, nesse santuário da Teologia Católica, o Padre Sinistrari d'Ameno era inteiramente ignorado. Não tinha mais que um recurso: era o de ir encontrar seus irmãos em São Francisco, os Padres Capuchinhos, em seu convento da Rue de la Santé! Extremidade cruel, se convirá, pois tinha pouca *chance* de encontrar como aqui a sombra amável de Manon.

Finalmente, uma carta de Milão veio tirar-me do embaraço. O livro que não se podia achar era encontrado; recebi a primeira edição de *De Delictis et Poenis* (Venetiis, apud Hieronymum Albriccium, 1700), e a edição de Roma, 1764, de uma só vez.

É um tratado completo, *tractatus absolutissimus*, de todos os crimes, delitos, pecados imagináveis; mas apressemo-nos em dizer, num como noutro dêstes volumosos in-folio, a Demonialidade ocupa apenas cinco páginas, sem nenhuma diferença de texto entre as duas edições. E estas cinco páginas não são nem mesmo um resumo da obra manuscrita que entrego hoje ao público, compreendendo sòmente a exposição e a conclusão (nºs 1 a 27 e 112 a 115). Quanto ao que seria a originalidade do livro: a saber, a teoria dêstes animais racionais, íncubos e súcubos, dotados como nós de corpo e alma e capazes de salvação ou danação, será procurado em vão.

Assim, após tantos esforços, fixei-me sôbre todos os pontos que me havia proposto elucidar: descobri a identidade do Padre d'Ameno[1]; a comparação das duas edições do *De Delictis et Poenis*, a primeira condenada, a segunda permitida pela Congregação do *Index*, me fêz compreender que os fragmentos impressos da Demonialidade não estavam em nada na condenação do livro, pois que não haviam sofrido nenhuma correção; enfim, cheguei à convicção que, salvo algumas páginas, meu Manuscrito era absolutamente inédito. Feliz conclusão desta Odisséia bibliográfica, que me perdoarão de haver contado inteira "pour l'esbattement" dos Bibliófilos "et non aultres".

Agôsto 1875.

(1) Ver a notícia biográfica no fim dêste volume.

A PROPÓSITO DA SEGUNDA EDIÇÃO

(Paris, 1876, in-18 Elzeviriano)

A primeira edição desta obra, publicada há alguns meses apenas, está hoje esgotada.

Reimprimindo-a, o Editor está feliz de poder agradecer aos leitores de elite, que tão favoràvelmente acolheram, desde sua aparição, a obra-prima do Padre Sinistrari. Tal como era necessário fazer, uma boa parte dêstes agradecimentos é dirigida ao Clero católico: com sua perspicácia habitual, os Eclesiásticos regulares compreenderam o que um tal livro acrescentaria de clarão ao ensinamento da Igreja Romana; seu único concurso era suficiente para assegurar o sucesso.

Mas o que mais tocou ao Editor, êle confessa ingênuamente, é o testemunho espontâneo de satisfação que lhe foi endereçado por um dos superiores da Ordem à qual pertencia seu autor, o R. P. Provincial dos Capuchinhos da província de P... Encontrar-se-á no fim do volume a carta do Reverendo Padre A...: ela é de natureza a esclarecer as pessoas deficientes que, não querendo acreditar na sinceridade desta publicação, ousaram formular suas suposições pela vil palavra de "facécia bibliográfica". Tais homens de pouca fé se desculpam talvez por não chegarem com seu Cristianismo até Santo Agostinho, *Credo quia absurdum*: deveriam ao menos não se mostrar mais incrédulos que a sabedoria pagã, e observar com Horácio que é preciso não se surpreender com nada, *nil admirari*.

Maio 1876

O LIVRO DOS DEMÔNIOS[1]

OU

A DEMONIALIDADE

e os animais íncubos e súcubos e a prova de que existem na terra criaturas racionais além do homem, tendo como êle um corpo e uma alma, nascendo e morrendo, remidos por N. S. Jesus Cristo, e capazes de salvação e danação.

---

(1) A tradução do título original seria **A Demonialidade**, como aparece no texto.

"Os tormentos do Inferno" do GRANT KALENDRIER... DES BERGIERS
Troyes, século XVI

O primeiro autor que, a meu ver, imaginou a palavra *Demonialidade,* foi Jean Caramuel, em sua *Teologia fundamental,* e ninguém antes dêle, me parece ter distinguido êste crime do da *Bestialidade.* Com efeito, todos os teólogos moralistas, a partir de S. Tomás (2, 2, questão 154), compreendem, sob o título específico de *Bestialidade,* "tôda sorte de comércio carnal com um objeto qualquer de espécie diferente": êstes são os próprios têrmos de S. Tomás. Cajetan, por exemplo, em seu comentário sôbre esta questão, classifica o comércio com o Demônio na categoria de Bestialidade; do mesmo modo Sylvestre, à palavra Luxúria, Bonacina, *de Matrimônio,* questão 4, e outros.

2. Entretanto é certo que S. Tomás, na passagem em questão, não teve de maneira alguma em vista o comércio com o Demônio. Tal como provarei mais adiante, êste comércio não pode ser compreendido na espécie muito especial da *Bestialidade;* e, para fazer coincidir com a verdade a sentença do santo Doutor, é preciso admitir que, falando do pecado contra a natureza, "quando cometido através do comércio com objeto de espécie diferente, êste toma o nome de Bestialidade"; sob a denominação de *objeto de espécie diferente,* S. Tomás pretende designar um animal vivente, de outra espécie que não o homem; pois êle não podia empregar aqui a palavra *objeto* ou *coisa* no sentido mais geral, para exprimir indiferentemente um ser animado ou inanimado. Que um homem, com efeito, se advirta de fornicar *cum cadavere humano,* fará negócio com objeto de uma outra espécie (sobretudo para os Tomistas, que recusam ao cadáver a forma de corporeidade humana); da mesma maneira si *cadaveri bestiali copularetur;* e portanto *talis coitus* não

será bestialidade, mas polução ou voluptuosidade. O que S. Tomás quis portanto precisar aqui, é o comércio carnal com um objeto vivente de uma outra espécie que não o homem, isto é, com um animal, e êle não cogitou de nenhuma maneira no comércio com o Demônio.

3. Portanto, o comércio com o Demônio, seja Incubo, seja Súcubo (que é pròpriamente *Demonialidade*), difere em espécie da Bestialidade, e não poderia ser confundido com êste último crime, como pensa sem razão Cajetan, sob a qualificação de espécie muito especial; pois, embora tenham dito alguns Anciães, e após êsses Caramuel, em sua *Teologia fundamental,* os pecados contra a natureza são entre êles de espécie bem distinta. Esta é pelo menos a doutrina geral, e a opinião contrária foi condenada por Alexandre VII: primeiro, porque cada um dêstes pecados traz consigo sua torpeza particular e distinta, contrária à castidade e à geração humana; em seguida, porque cometendo-o, sacrifica-se cada vez alguma vantagem naturalmente ligada à instituição do ato venerável, o qual tem por fim normal a geração humana; enfim, porque todos têm um motivo diferente, mas suficiente em si para produzir de diversas maneiras a privação do mesmo bem, como deduzem excelentemente Filliucius, Crespin e Caramuel.

4. Segue-se que a Demonialidade difere em espécie da Bestialidade, pois cada uma delas possui sua torpeza particular e distinta, contrária à castidade e à geração humana. A Bestialidade é a união com um animal vigente, dotado de sentimentos e de movimentos que lhe são próprios: a Demonialidade, ao contrário, é a copulação com um cadáver (pelo menos de acôrdo com a doutrina geral, que examinarei logo após), o qual não possui nem sentimento nem movimento, e se acha morto acidentalmente, por artifício do Demônio. Ora, se a fornicação praticada com um cadáver de homem, de mulher ou de animal, difere em espécie da Sodomia e da Bestialidade, a mesma diferença existe para a *Demonialidade* que, na opinião comum, é o comércio do homem com um cadáver morto acidentalmente.

5. Outra prova: nos pecados contra a natureza, a seminação antinatural (isto é, que não pode ser regularmente seguida de geração) constitui um gênero; mas o sujeito desta seminação é a diferença que constitui as espécies classificadas sob o gênero. Assim, se a seminação teve lugar sôbre a terra, ou sôbre um corpo inanimado, será poluição; se se opera *cum homine in vase proepostero,* será Sodomia; com um animal, será bestialidade: todos os crimes que, sem contradita, diferem em espécie entre si, pela mesma razão que a terra, o cadáver, o homem e o animal, sujeitos passivos *talis seminationis,* são entre si de espécie diferente. Mas a diferença do Demônio com o animal não é sòmente específica, é mais que específica: a natureza de um é corporal, de outro incorpórea, o que estabelece uma diferença genérica. De onde segue *quod semina tiones* praticadas entre sujeitos diferentes, diferem em espécie entre êles; é isto que procurarei demonstrar.

Jacques Callot: detalhe da "Segunda tentação de Santo Antônio" 1634

6. Invocarei ainda a doutrina bem conhecida dos Moralistas, estabelecida no Concílio de Trento, sessão 14, e admitida pelos Teólogos, a saber: que, na confissão, é suficiente enunciar as circunstâncias que modificam a espécie dos pecados. Se portanto a Demonialidade e a Bestialidade são de uma mesma espécie muito particular, bastará ao penitente, cada vez que tenha furnicado com

o Demônio, dizer a seu confessor: *Eu cometi o pecado da Bestialidade.* Ora, tal é falso: pois êstes dois pecados não são da mesma espécie em particular.

7. Se dirá talvez que se as circunstâncias do comércio com o Demônio devem ser reveladas ao confessor, será em razão de seu alcance com a Religião; êste alcance resulta, com efeito, seja do culto rendido ao Demônio, seja de homenagens ou orações que lhe endereçam, seja do pacto de sociedade concluído com êle (S. Tomás, quest. 90). Mas, como se verá a seguir, há os Íncubos e Súcubos aos quais nada disso se aplica, e no entanto *copula sequitur.* Não existe portanto, neste caso especial, nenhum elemento de impiedade, nenhum caráter além *quam puri et simplicis coitus;* e, se é da mesma espécie da *Bestialidade,* o enunciaremos suficientemente dizendo: *Cometi o pecado da Bestialidade,* o que é falso.

8. Por outra, segundo a aprovação de todos os Teólogos Moralistas, *copula cum Doe mone* é muito mais grave que semelhante ato cometido, com não importa que animal. Ora, em uma mesma espécie muito particular de pecado, um pecado não é mais grave que outro, mas todos são igualmente graves: é a mesma coisa que ter comércio com uma cadela, ou uma jumenta, ou uma égua; de onde segue que, se a *Demonialidade* é mais grave que a Bestialidade, êstes dois atos não são da mesma espécie. E o que não se pretende, como fêz Cajetan, é atribuir maior gravidade à *Demonialidade,* em razão do ultraje que recebeu a Religião do culto rendido ao Demônio ou do pacto de sociedade concluído com êle: isto, com efeito, não acontece nunca no comércio do homem com os Íncubos e Súcubos; além do que, se, no gênero de pecado contra a natureza, a *Demonialidade* é mais grave que a Bestialidade, o ultraje à Religião em nada se inclui neste agravo, pois que é estranha a êste gênero por si mesma.

9. Ora, tendo sido estabelecida a diferença específica da *Demonialidade* com a Bestialidade, de tal sorte que se possa apreciar a gravidade e determinar o grau de penitência que merece (o que, para nós, é ponto capital), necessitamos agora procurar de quantas manei-

"Histórias das imaginações extravagantes" etc. Amsterdam, 1710

ras diferentes o pecado da *Demonialidade* pode ser cometido. Não faltam pessoas, muito enfatuadas de seu pequeno saber, que ousem negar o que escreveram os mais austeros Autores e o que atesta a experiência de cada dia: a saber, que o Demônio, seja Íncubo, seja Súcubo, se une carnalmente, não sòmente com os homens ou as mulheres, mas também com os animais. A se dar crédito, tudo isto não tem fundamento senão na imaginação humana, turbada por artifício do Demônio. Não são mais que fantasmagorias e prestígios diabólicos. Semelhante coisa, dizem elas, chega às Feiticeiras e Bruxas que, sob o império de uma ilusão produzida pelo Demônio, imaginam assistir aos jogos, danças, festins e *sabats* noturnos, e ter com o Demônio um comércio carnal, sem estar na realidade presentes ou agitando os corpos, tal como textualmente o definiu um Capítulo e dois Concílios.

10. Mas, sem dúvida, não se contesta que muitas vêzes mulheres jovens, enganadas pelo Demônio, imaginam tomar parte, em carne e osso, nos *sabats* noturnos das Feiticeiras, sem que tenham tido outra coisa senão uma visão imaginária. É assim que em sonho se imagina muito freqüentemente *cum foemina aliqua concumbere, et semen vere excernitur, non tamen concubitus ille realis est,* mas sòmente fantástica e freqüentemente obra de uma ilusão diabólica: sôbre o que o Capítulo e os Concílios acima citados têm perfeitamente razão. Mas êste nem sempre é o caso; sabe-se, ao contrário, com mais freqüência, que as Feiticeiras estão presentes com seus corpos nos *sabats* noturnos, que elas realizam com o Demônio um comércio perfeitamente carnal e corporal, e que da mesma maneira os Feiticeiros se abraçam com Demônio fêmea ou súcubo. Esta é a opinião de Teólogos como de Jurisconsultos católicos, que se encontra citada em todo o curso do *Compendium Maleficarum,* ou *Repertório das Feiticeiras,* do Irmão François-Marie Guaccius. Esta doutrina é confirmada por dezoito exemplos tirados da narração de homens sábios e verídicos cujo testemunho está fora de suspeita, e que provam que os Feiticeiros e Feiticeiras estão bem presentes de corpo nos *sabats* e fazem agradável e bem a obra da carne com os Demônios íncubos e súcubos. Temos em definitivo, para finalizar a questão, a autoridade de S. Agostinho, o qual, falando do comércio carnal dos homens com o Demônio, assim se exprime no livro 15, cap. 23, de a *Cidade de Deus*: "É uma opinião bem difundida, e confirmada por testemunhos diretos ou indiretos de pessoas absolutamente dignas de fé, que os Sílvanos e os Faunos, vulgarmente chamados Íncubos, têm muitas vêzes atormentado as mulheres, solicitado e obtido delas o coito. Existem Demônios, denominados pelos gauleses Duses (ou lutins), que se abandonam muito regularmente a estas práticas impuras: isto é atestado por autoridades inúmeras e muito graves, que seria impudente pretender negar." Tais são os próprios têrmos de S. Agostinho.

11. Ora, diversos Autores nos ensinam, e sua opinião é confirmada por numerosas experiências, que o Demônio possui duas maneiras de se unir carnalmente aos homens ou às mulheres: uma, empregada por deferência de Feiticeiros ou Feiticeiras, outra, por deferência de homens ou mulheres absolutamente estranhos a tôda feitiçaria.

12. No primeiro caso, o Demônio só se abraça aos Feiticeiros ou Feiticeiras após uma solene condição, em virtude da qual as miseráveis criaturas humanas se abandonam a êle. De acôrdo com diversos autores que relataram as confissões judiciárias arrebatadas às Feiticeiras nas torturas, e cujas narrações foram recolhidas por François-Marie Guaccius, Compend. Malef., livro 1º, cap. 7, tal condição consiste em onze cerimônias:

13. Primeiro, os Noviços devem concluir um pacto expresso com o Demônio, ou com qualquer outro Feiticeiro ou Mágico agindo na vez ou lugar do Demônio, pelo qual, em presença de testemunhas, se alistam no serviço do Diabo. O Demônio, por sua parte, lhes garante honras, riquezas e prazeres carnais.

14. Segundo, abjuram a fé católica, subtraem-se à obediência a Deus, renunciam a Cristo e à proteção da Muito Bem-aventurada Virgem Maria, e a todos os Sacramentos da Igreja.

15. Terceiro, arremeçam longe de si a Coroa ou o Rosário da Muito Bemaventurada Vírgem Maria, o Cordão de São Francisco de Assis ou a Correia de S. Agostinho, ou o Escapulário das Carmelitas, de acôrdo com que pertençam a tal ou tal ordem, a Cruz, as Medalhas, os *Agnus Dei,* enfim tudo que possuam de santo ou de bento, calcando tudo sob os pés.

16. Quarto, juram obediência e submissão nas mãos do Diabo; rendem-lhe homenagem e vassalagem, com os dedos pousados sôbre um certo volume muito negro. Comprometem-se a jamais retornar à fé de Cristo, a não ter em conta nenhum preceito divino, a não fazer obra boa nenhuma, mas a obedecer ao Diabo sòmente, e a freqüentar assìduamente as reuniões noturnas.

17. Quinto, prometem fazer todos os esforços, de empregar todo seu zêlo e todos seus cuidados, para arrolar em sua seita, ao serviço do Diabo, outras criaturas, machos e fêmeas.

18. Sexto, o Diabo lhes administra uma sorte do batismo sacrílego, e, após haverem renegado os padrinhos e madrinhas que tiveram no Batismo do Cristo e na Confirmação, fazem-se assinar pelo Diabo Padrinho e Madrinha nôvo, encarregado de os instruir na arte dos malefícios; abandonam seus antigos nomes e recebem um nôvo, que geralmente é um apelido bufão.

19. Sétimo, cortam parte de suas próprias vestes para oferecer ao Diabo em sinal de homenagem, e o Diabo a arrebata e guarda.

20. Oitavo, o Diabo traça sôbre a terra um círculo, e neste círculo permanecem os Noviços, Feiticeiros e Feiticeiras, para ali confirmarem todos os juramentos que fizeram como foi dito acima.

21. Nono, pedem ao Diabo para os riscar do livro de Cristo, e para os matricular no seu. Então aparece o livro negro no qual antes tocaram rendendo homenagem (ver acima), e neste livro são registrados pela unha do Diabo.

22. Décimo, prometem ao Diabo, em épocas determinadas, sacrifícios e oferendas: em cada quinze dias, ou ao menos todos os meses, a morte de alguma criança, ou um sortilégio homicida, e cada semana outros malefícios em prejuízo do gênero humano, tais como granizos, tempestades, incêndios, epizotias, etc...

23. Undécimo, são marcados pelo Demônio com algum sinal, sobretudo aquêles cuja constância lhe é suspeita. Tal sinal, de resto, nem sempre é da mesma forma ou figura: tanto é a imagem de uma lebre, como a pata de um sapo, uma aranha, um pequeno cão, arganaz. É impresso nas partes mais ocultas do corpo: nos homens, sob as pálpebras ou sob as axilas, ou sôbre os lábios, sôbre o ombro, ou fundamente em outras partes; quanto às mulheres, é geralmente nos seios, ou nas partes sexuais. Atualmente, o sinête que imprime estas marcas não é outro senão a unha do Diabo. Tendo tudo sido realizado segundo as instruções dos Mestres que iniciaram os Noviços, êstes últimos, para concluir, prometem não adorar jamais a Eucaristia; prometem encher de insultos todos os Santos e sobretudo a Bem-aventurada Virgem Maria; calcar sob os pés e vilipendiar as Santas Imagens, a Cruz e as Relíquias dos Santos; jamais fazer uso dos Sacramentos ou cerimônias sacramentais, senão para malefícios; jamais fazer ao padre a confissão sacramental completa, e de esconder-lhe sempre seu comércio com o Demônio. O Demônio, por sua vez, se obriga a dar-lhes sempre pronta assistência, a satisfazer seus gostos neste mundo, e fazer-lhes felizes após a morte. A profissão solene assim cumprida, cada um deve designar um Diabo, chamado *Magistelle* ou Pequeno Mestre, com o qual se retira em particular para consumar a união carnal; êste Diabo, naturalmente, na forma de mulher, se o iniciado é um homem; ou na forma de um homem, e algumas vêzes de um sátiro, ou de um bode, se é mulher que se tornou feiticeira.

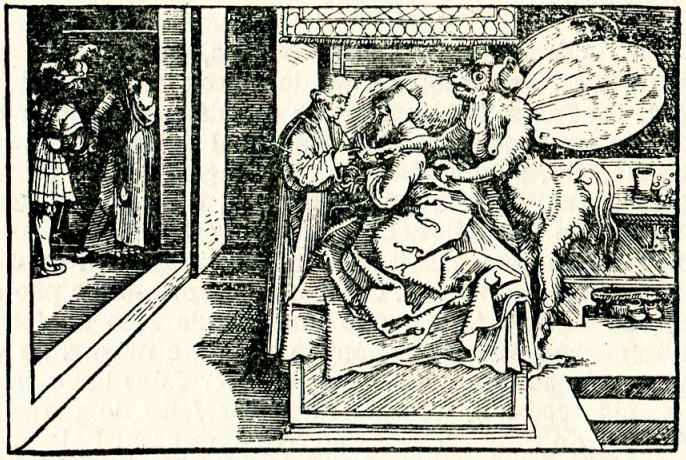
24. Mas, perguntarão aos Autores, como era possível que o Demônio, não tendo corpo, pudesse ter no entanto relação carnal com o homem ou com a mulher? Responderão todos a uma voz que o Demônio empresta o cadáver de um outro ser humano, macho ou fêmea, se-

gundo o caso, ou mesmo forma, de outras matérias, um corpo com a ajuda do qual se une ao homem. E quando permite às mulheres a fantasia de conceber obras do Demônio (o que não acontece sem o consentimento e de acôrdo com o desejo expresso de ditas mulheres), o Demônio transforma-se em súcubo fêmea, *et juncta homini semen ab eo recipit;* ou então provoca no homem, durante o sono, algum sonho lascivo seguido de polução, *et semen prolectum in suo nativo calore, e cum vitali spiritu conservat, et incubando foeminoe infert in spsius matricem,* de onde resulta a concepção. Isto é o que ensina Guaccius, livro I, cap. 12, trazendo em apêlo à sua tese uma porção de citações e de exemplos emprestados de diversos doutôres.

25. De outras vêzes também o Demônio, seja íncubo, seja súcubo, se une com homens ou mulheres dos quais não recebe homenagens, sacrifícios ou oferendas que tem o costume de impor aos Feiticeiros ou às Feiticeiras, como vimos antes. É então simplesmente um amoroso apaixonado, não tendo mais que uma intenção, um desejo: possuir carnalmente a pessoa que ama. Iguais a êste existem muitos exemplos, que se podem encontrar nos Autores, entre outros Menippus Lycius, o qual, após haver muitas e muitas vêzes praticado ações impuras com uma mulher, pretendeu desposá-la; mas um certo Filósofo, que assistia ao banquete das núpcias, tendo adivinhado quem era aquela mulher, disse a Menippus que êle estava ligando-se a uma *Compuse*, isto é, a uma Diaba súcuba: imediatamente nossa noiva desapareceu em gemidos... Lêde o fato em Coelius Rhodiginus, Antiq., livro XXIX, cap. 5. Heitor Boethius, *Hist. Scot.*, narra também o caso de um jovem escocês que, durante vários meses, recebeu em seu quarto, embora as portas e janelas estivessem hermèticamente fechadas, as visitas de uma Diaba súcuba, da mais encantadora beleza; carícias, beijos, abraços, solicitações, tudo esta Diaba fêz *ut secum coiret*: o que não conseguiu todavia obter dêsse virtuoso jovem.

26. Pode-se ainda ler numerosos exemplos de mulheres solicitadas no coito pelo Demônio íncubo, e que, se a princípio relutam em precipitar os passos, deixam-

se no entanto flechar-se por seus apelos, suas lágrimas, suas carícias; é um louco amoroso, é preciso ceder. Embora isto resulte algumas vêzes de malefícios de algum feiticeiro, que emprega o Demônio como seu intermediário, não é raro entretanto que o Demônio haja por conta própria, como escreveu Guaccius; e não é sòmente às mulheres que êle assalta, mas também aos jumentos: se são dóceis a seus desejos, êle as cumula de cuidados, de carícias, trança sua cabeleira em infinitos nós inextrincáveis; mas se resistem, êle as maltrata, fere-as, aplica-lhes ranho, e finalmente mata-as, como é constatado na experiência de cada dia.



"A Última Tentação do Súcubo" v.p. III

27. Enfim, coisa prodigiosa e quase inconcebível, êstes íncubos, que chamamos em italiano *Foletti,* em espanhol *Duendes,* em francês *Follets,* não obedecem aos Exorcistas, não têm mêdo nenhum de exorcismos, nenhuma veneração por objetos sagrados, perto dos quais não manifestam o menor temor: bem diferentes são dos Demônios atormentadores dos possessos, pois, por mais obstinados que sejam êstes espíritos malígnos, por resistentes que se mostrem à injunção do Exorcista, que lhes or-

dena desalojarem-se do corpo do possesso, é suficiente para tanto pronunciar o santo nome de Jesus ou de Maria ou alguns versículos das Santas Escrituras, impor Relíquias, principalmente a madeira da Santa Cruz ou aproximar as Santas Imagens, para que tão logo se os escute rugir na bôca do possesso, se os veja ranger os dentes, agitar-se, fremir, mostrar, em uma palavra, todos os sinais do temor e do horror. Mas, para êsses Diabos marotos, nada de tudo isto tem efeito, e se interrompem suas vexações, sòmente o fazem mesmo depois de muito tempo e quando bem o desejarem. Disto sou testemunha ocular, e vou contar uma história que ultrapassa realmente tôda crença humana: mas, que Deus seja testemunha! é a pura verdade, confirmada, além de que, por numerosos atestados.

28. Cêrca de 25 anos passados, quando era então Professor de Teologia sagrada no convento de Sainte-Croix, em Pávia, habitava nessa cidade uma mulher casada, de excelentes prendas, e da qual todos aquêles que a conheciam, principalmente os Monges, diziam as melhores coisas. Chamava-se Gironima, e morava sôbre a paróquia de São Miguel. Certo dia, esta mulher havia amassado em sua casa pão, tendo confiado em seguida ao forneiro para o assar. O forneiro devolve-lhe o pão assado, ao mesmo tempo que um grande bôlo de forma muito curiosa arranjado com manteiga e massas de Veneza, como se tem o costume de fazer êstes bolos nesse país. Ela recusa-o, dizendo nada ter feito de parecido. "Mas", diz o forneiro, "eu não tive para assar hoje outro pão senão o seu: compreende-se que o bôlo também vem de sua casa; sua memória está falhando". Nossa boa senhora se deixa convencer; aceita o bôlo e o come em companhia de seu marido, de sua filhinha de três anos e de sua empregada. À noite, enquanto estava deitada com seu marido e todos os dois dormiam, eis que desperta ao som de uma voz extremamente fina, qualquer coisa igual a um assobio agudo, mas que, no entanto, murmurava-lhe na orelha palavras muito distintas: a voz perguntava-lhe "se o bôlo tinha sido de seu gôsto?" Assustada, nossa boa senhora começa a munir-se do sinal da Cruz e a invocar um atrás de outro, os nomes de Jesus e Maria. "Nada temas", dizia a voz, "não te desejo mal; ao contrário, não há nada que faça senão para ser-te agradável, sou cativo de tua beleza, e meu maior desejo é desfrutar os teus abraços." Ao mesmo tempo ela sentia alguém que lhe beijava as faces, mas tão ligeiramente, tão flàcidamente, que se acreditava tocada por uma penugem de algodão da mais extrema finura. Resiste sem nada responder, limitando-se a repetir muitas e muitas vêzes o nome de Jesus e de Maria, e a fazer o sinal da Cruz: a tentação persiste durante quase meia hora, após o que o tentador se retira.

Chega a manhã, a dama vai procurar seu Confessor, homem grave e sábio, o qual a confirma na fé, e a exorta a continuar a resistência vigorosa e a munir-se de algumas Relíquias. Nas noites seguintes, a mesma tentação, com palavras e beijos da mesma sorte; a mesma resistência também por parte da senhora. Fatigada no entanto de provas tão penosas e tão prolongadas, toma a decisão, a conselho de seu Confessor e de outros homens sérios, de se fazer exorcizar por Exorcistas experimentados para saber se, por acaso, não estava possessa. Os Exorcistas nada encontraram que indicasse a presença do Espírito maligno, benzeram a casa, o quarto de dormir, o leito, e fizeram injunção ao Íncubo para que a deixasse de importunar. Mas tudo palavreado! a tentação continua mais intensa, o galante fazendo cara de morrer de amor, e chorando, e gemendo para enternecer a senhora, que, no entanto, com a graça de Deus, permanece invencível. O Íncubo, então, adota outra maneira: apareceu à sua bela sob a forma de um rapaz, ou de um jovem da maior beleza, com a cabeleira dourada e ondulada, a barba loura e resplendente como o ouro, os olhos glaucos semelhantes à flor de linho, e, para aumentar o encanto, elegantemente vestido à espanhola. Além de que, não deixou mais de lhe aparecer, mesmo que estivesse em alguma companhia; se lastimava, como fazem os amantes, chorava, enviava-lhe beijos, empregava, em uma palavra, todos os meios de sedução possíveis para obter seus favores. Ela apenas o via e o entendia: para tôdas as outras além dela, êle nada tinha.

Nossa boa senhora, no entanto, perseverava em sua constância admirável, quando enfim, depois de alguns meses, o íncubo irritado recorreu a um nôvo gênero de perseguições. Primeiro leva-lhe uma cruz de prata repleta de santas Relíquias, e uma vela benzida com o cordeiro papal do Venturoso Pontífice Pio V, que ela carregava sempre consigo; depois foi a vez de anéis e outros enfeites de ouro e de prata, que êle furta sem tocar nas fechaduras, nas caixinhas onde estavam fechados. A seguir começa a lhe bater cruelmente, e após cada carga de pancadas viam-se em sua figura, pelos braços e em outros lugares do corpo, contusões e nódoas que duravam um dia ou dois e de repente desapareciam, ao con-

"O Diabo e a mulher na Missa"
do SEELENWURZGARTEN Ulm, 1483

trário das contusões naturais, que decrescem pouco a pouco, gradualmente. Algumas vêzes, enquanto ela dava de mamar à sua filhinha, êle a alçava de cima de seus joelhos para o telhado, na borda da goteira, onde a escondia, sem jamais ocasionar-lhe nenhum mal. Daí a

pouco cismava e revirava a casa, quebrava em mil pedaços as travessas, os pratos e outros vasos de barro, e num movimento de ôlho repunha tudo em seu estado primitivo. Uma noite em que ela estava deitada com seu marido, o íncubo, aparecendo-lhe em sua forma habitual, pede-lhe enèrgicamente que se abandone a êle; ela resiste como de costume. Furioso, o íncubo se retira e, pouco tempo depois, eis que volta com uma carga enorme de pedaços de pedra, os mesmos que os habitantes de Gênova e da Ligúria se servem, geralmente, para cobrir suas casas. Com essas pedras êle construiu em volta do leito uma parede tão alta que se elevava ao céu e que nossos esposos, para sair, tiveram necessidade de colocar uma escada. Esta parede, de resto, foi construída sem cal; destruíram-na, e colocaram as pedras em um canto, onde permaneceram expostas a todos os olhares durante dois dias, depois do que desapareceram.

No dia de São Estêvão, o marido convidou para jantar alguns bravos militares entre seus amigos, e, para fazer honra a seus hóspedes, preparou um banquete respeitável. Enquanto, segundo o costume, lavavam as mãos antes de sentarem, zaz! eis que a mesa de repente desapareceu: desapareceram também todos os talheres, as panelas, os caldeirões, os pratos e tôda a baixela na cozinha; desapareceram os cântaros, garrafas, os vasos. Deixo-lhes para pensar no espanto, no estupor de nossas convivas; eram oito, e entre êles um capitão de infantaria espanhol, o qual, voltando-se para os seus companheiros, disse-lhes: "Não tenhais mêdo, isto é uma farsa, mas céus! havia uma mesa aqui, e estará ainda; um minuto, eu vou descobri-la." Dito isto, nosso bravo fêz a volta na sala, as mãos estendidas tentando agarrar a mesa; mas após algumas voltas, vendo que não chegava a nada senão tocar o ar, os outros começaram a rir dêle; e como já havia passado a hora do jantar, cada um tomou seu capote e pôs-se no dever de voltar à casa. Estavam todos já à porta da casa com o marido que, por cortesia, os acompanhara, quando escutaram um grande barulho na sala de jantar. Voltaram à sala para saber a causa, e presto a empregada acorre anunciando-lhes que a cozinha estava cheia de cálices repletos de bebida,

e que a mesa fôra recolocada em seu lugar na sala de jantar. Voltaram todos não sem surprêsa de ver a mesa coberta com as toalhas, os guardanapos, os saleiros, bandejas que não pertenciam à casa, e iguarias que não haviam sido preparadas. Sôbre o canto estava uma grande credência, que admiravam, disposta da melhor maneira, cálices de cristal, de prata e de ouro, com tôdas as sortes de ânforas, garrafas, copos, repletos de vinhos estrangeiros: vinha de Creta, de Campanha, das Canárias, do Reno, etc... Na cozinha também, uma abundante variedade de iguarias nas panelas e nos pratos, que jamais foram vistas antes. Diversos de nossos convivas hesitaram, inicialmente, provar tais iguarias; todavia, encorajados pelos outros, viram-se à mesa, e todos cuidaram de seu jantar, que acharam delicioso. Logo depois, como estivessem sentados diante do fogo segundo o hábito da estação, tudo desapareceu a uma só vez, baixela e sobremesa, e em seu lugar reapareceu o serviço de mesa anterior com os pratos que haviam sido preparados; mas, coisa surpreendente, todos os convivas estavam saciados, e ninguém teve desejo de cear depois de um jantar daquela magnificência. O que bem prova que as iguarias que substituíram as primeiras eram reais e não imaginárias.

Entretanto, eram passados vários meses que durava essa perseguição, quando a senhora se dirigiu ao Bemaventurado Bernardin de Feltre, cujo corpo se venera na Igreja de São Tiago, a uma pequena distância dos muros da cidade. Fêz voto de ficar durante um ano inteiro vestida com um capuz cinzento, apertado com um cordão igual ao que usam os Irmãos Menores, e a cuja Ordem pertencia êsse Bem-aventurado Bernardin, esperando, por sua intercessão, ser enfim libertada das perseguições do Íncubo. E de fato, no dia 28 de setembro, que é o da Vigília da Dedicação a São Miguel Arcanjo, e a festa do Bem-aventurado Bernardin, ela vestiu o traje votivo. No dia seguinte de manhã, festa de São Miguel, nossa aflita senhora tomou o caminho da Igreja de São Miguel, que era, como já disse, sua própria paróquia; era perto das dez horas, no momento em que uma enorme multidão se dirigia à missa. Ora, nem bem

a pobrezinha pôs os pés no átrio da igreja e de repente suas vestes e ornamentos tombaram por terra, desaparecendo carregados pelo vento e deixando-a nua como suas mãos. Encontravam-se, felizmente, entre a multidão, dois cavalheiros de idade madura, os quais, assistindo o fato, apressaram-se em tirar suas capas, para bem ou mal esconder a nudez daquela mulher, e, tendo-a colocado em uma viatura, a reconduziram à sua casa. Quanto às vestes e enfeites furtados pelo Íncubo, não lhe foram restituídos senão dali a seis meses.

Breve poderei contar-vos outros fatos, e dos mais agradáveis, que lhe impôs ainda êste Íncubo, mas tudo tem fim. É suficiente saber que, durante vários anos, êle persistiu em suas tentações; mas, finalmente, vendo que perdia seu tempo e trabalho, viu-se forçado a levantar o cêrco.

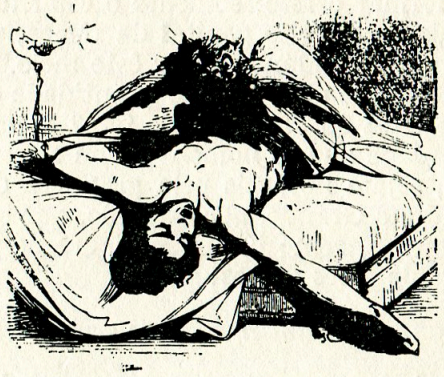
29. Nos casos narrados, como em quaisquer outros semelhantes que se pretenda contar de tempos em tempos, as tentações do Íncubo não foram através de atos contrários à Rebelião, mas sòmente à castidade. Conseqüentemente, o que lhe cede à tentação não peca por impiedade, mas por incontinência.

30. Ora, está demonstrado por Teólogos e Filósofos, que da copulação do homem, macho ou fêmea, com o Demônio, nascem muitas vêzes homens; e é dessa maneira que deve nascer o Anticristo, segundo bom número de Doutôres: Belarmin, Suarez, Maluenda, etc... Observam também que, com razão natural, as crianças assim procriadas pelos Íncubos, são grandes, robustas, muito audaciosas, soberbas e maldosas. Veja-se o citado Maluenda; quanto à causa em questão, êle no-la transmite segundo Valesius, Protomédico de Régio: "O que os Íncubos introduzem *in uteros*, não é *qualecumque, neque quantumcunque semen*, mas abundante, muito espêsso, quente, impregnado de espíritos e sem nenhuma serosidade. Isto, aliás, para êles é coisa fácil: não têm senão que escolher homens quentes, robustos, *et abundantes multo semine, quibus succumbant*; e mulheres do mesmo temperamento, *quibus incumbant*, tendo o cuidado de procurar entre uns e outros *voluptatem*

solito majorem: tanto enim abundantius emittitur semen, quanto cum majori voluptate excernitur." Tais são os têrmos de Valesius. Maluenda confirma o que foi dito acima, provando com o testemunho de diversos Autores, clássicos na maioria, que é através de semelhantes uniões que se devem êsses nascimentos: Rômulo e Remo, segundo Tito Lívio e Plutarco; Servius Tullius, sexto rei dos Romanos, segundo Denys de Halicarnaso e Plínio o Velho; Platão o Filósofo, segundo Diógenes Laércio e São Jerônimo; Alexandre o Grande, segundo Plutarco e Quinto-Cúrcio; Seleucus, rei da Síria, segundo Justino e Apio; Scipião o Africano, o primeiro do nome, segundo Tito Lívio; o imperador Cesar Augusto, segundo Suetâneo; Aristómeno de Messina, ilustre general grego, segundo Estrabon e Pausânias. Juntemos ainda o inglês Merlin ou Melchin, nascido de um Íncubo e de uma Religiosa, filha de Carlos Magno; e, finalmente, como escreveu Cocleus, citado por Maluenda, êste réprobo heresiarca, cujo nome é Martin Lutero.

31. Todavia, salvo o devido respeito a tantos e tão grandes Doutôres, não vejo como suas opiniões possam resistir a um exame. Com efeito, como bem observa Pererius, em seu *Commentaire sur la Genèse*, cap. 6, tôda a fôrça, tôda a eficácia do esperma humano consistem em espíritos que se evaporam e desaparecem tão logo saiam dos vasos genitais, onde permaneciam prontamente armazenados: os Médicos concordam. Não é portanto possível ao Demônio conservar o esperma que recebeu em um estado suficiente de integridade capaz de produzir geração; pois, qualquer que seja o recipiente no qual o pretenda guardar, era necessário que o recipiente possuísse um calor semelhante ao calor natural dos órgãos genitais humanos, o qual sòmente é encontrado nesses mesmos órgãos. Sendo assim, em um recipiente em que o calor não é natural, mas fictício, os espíritos se dissolvem, e nenhuma geração será possível. Uma segunda objeção é a de que a geração é um ato vital mediante o qual o homem, engendrando de sua própria substância, introduz o esperma, no meio dos órgãos naturais, na oportunidade propícia à geração. Ao contrário, no caso especial que nos ocupa, a introdução do esperma não pode ser um ato vi-

tal do homem que engendra, pois que êste não é por êle introduzido na matriz; e pela mesma razão, não se pode dizer que o homem, ao qual pertence o esperma, tenha engendrado o feto que foi procriado. O Íncubo, muito menos, poderia ser considerado seu pai, pois que o esperma não é de sua própria substância. Eis que um menino é pôsto no mundo sem ter ninguém por pai, isto é um absurdo. Terceira objeção: quando o pai engendra natural-



"Dicionário Infernal" de Collin de Plancy 1863
"Demônio Íncubo" gravura de L. Breton

mente, tem o concurso de duas causalidades: a primeira material, pois fornece o esperma, que é a matéria da geração; a outra eficiente, que é o agente principal na geração, segundo a opinião comum dos Filósofos. Mas, em nossa espécie, o homem, restringindo-se a fornecer o esperma, fará a aproximação de uma matéria pura e simples, sem nenhuma ação tendente à geração; portanto, não poderá ser considerado pai da criança procriada em tais circunstâncias: e isto é contrário à noção de uma criança engendrada por um Íncubo não ser filho do Íncubo, mas o filho do homem de quem o Íncubo emprestou o esperma.

32. Além do que, e foi o que escreveu Valesius, e que nós citamos (ver o parágrafo 30), não tem a menor probabilidade; e me admiro que uma tal enormidade tenha

caído da pena de uma tão douta personagem. Os Médicos, com efeito, sabem perfeitamente que o tamanho do feto nada deve à quantidade de matéria, mas à quantidade de virtude, isto é, de espíritos contidos na semente; êste é todo o segrêdo da geração, como assinala muito bem Miguel Ettmuller, *Institut. Médic. Fisiol.* "A geração", diz êle, "depende inteiramente do espírito genital contido em um envelope de matéria mais espêssa; esta matéria espermática não fica no útero, nem contribui em nada para formar o feto; sòmente o espírito genital do macho, unido ao espírito genital da fêmea, penetra nos tubos uterinos, fecundando-o por êste meio." Qual pode ser, pois, o efeito de uma grande quantidade de esperma, do ponto de vista da grandeza do feto? Além disso nem sempre é verdade que os homens assim engendrados pelos Íncubos, sejam notáveis pela grandeza de seus corpos; Alexandre o Grande, por exemplo, que se diz nascido desta maneira, como já dissemos, era de pequena estatura, de onde êstes versos:

Magnus Alexander corpore parvus erat.

Enfim, ainda que os personagens concebidos nestas condições sejam geralmente superiores aos outros homens, nem sempre é nos vícios que êles os excedem, mas muitas vêzes nas virtudes, mesmo morais; exemplo: Scipião o Africano, Cesar Augusto e Platão o Filósofo, que, segundo os testemunhos respectivos de Tito Lívio, Suetôneo e Diógenes Laércio, eram de excelentes costumes. Do que podemos concluir que se outros indivíduos, engendrados da mesma maneira, foram perfeitos velhacos, não é por que devessem a vida a um Íncubo, mas porque, por seu livre arbítrio, em tal se transformaram.

Lê-se também na Santa Escritura, Gênese, cap. 6, versículo 4, que gigantes são nascidos do comércio de filhos de Deus com as filhas dos homens: esta é a letra mesma do texto sagrado. Ora, êsses gigantes eram homens de *grande estatura*, como está dito em Baruch, cap. 3, versículo 26, e bastante superiores aos outros homens. Além do tamanho monstruoso, destacavam-se ainda por sua fôrça, suas rapinagens, suas tiranias; tam-

"Visão" ("As conseqüências") Goya

bém aos Gigantes convém atribuir a causa primeira e principal do Dilúvio, segundo Cornelius de Lapide, em seu *Commentaire sur la Genèse*. Alguns pretendem que, sob o nome de Filhos de Deus, deve-se entender filhos de Seth, e, sob o de Filhos dos homens, filhos de Caim, porque os primeiros praticavam a piedade, a religião e tôdas as outras virtudes, ao contrário dos filhos de Caim, que se assinalaram por tudo ao contrário; mas, salvo o respeito devido a Crisóstomo, Cirilo, Hilário e outros que esposam esta opinião, deve-se confessar que ela está em desacôrdo com o sentido legítimo do texto. Que diz com efeito a Escritura? Que da conjunção dos sobreditos nasceram homens de monstruosa grandeza corporal: portanto, êstes gigantes não existiram antes; e se o nascimento foi resultado dessa união, não é admissível que se possa atribuir ao comércio dos filhos de Seth com as filhas de Caim, as quais, sendo de estatura ordinária, não podiam procriar senão crianças de estatura comum. Por conseguinte, se a conjunção da qual se cogita deu a luz a sêres de monstruosa estatura, é preciso ver nisto, não o comércio ordinário do homem com a mulher, mas a operação de Demônios Íncubos, que, em razão de sua natureza, podem perfeitamente ser chamados filhos de Deus. Esta advertência é a mesma dos Filósofos Platônicos e de Francisco Jorge de Veneza; e não está em contradição com a de José o Historiador, Filon da Judéia, S. Justino mártir, Clemente da Alexandria e Tertuliano, segundo os quais êstes Íncubos seriam Anjos corporais que se deixaram deslizar no pecado da luxúria com as mulheres. De fato, como mostraremos adiante, não existe, sob dúbia aparência, mais que uma só opinião.

33. Se êstes Íncubos, portanto, segundo a advertência comum, engendraram Gigantes por meio de esperma tomado ao homem, como foi dito acima, é impossível que tenha nascido dêste esperma outra coisa além de homens da mesma estatura, maior ou menor, igual àquela que lhe forneceu o esperma; pois seria em vão que o Demônio, jogando com o homem seu papel de Súcubo, lhe subtraísse uma dose extraordinária de licor prolífico para procriar descendentes de maior talhe: a dose aqui nada acrescenta ao fato, pois, como já dissemos, tudo depende da vitalidade dêsse licor, não de sua quantidade. Chegamos pois, forçosamente, a esta conclusão: que os Gigantes nasceram de um esperma que não era do homem, e que, por conseguinte, o Demônio Íncubo, para engendrar, emprega um esperma que não é tirado do homem. Mas então que resta dizer?

34. Sob contrôle da Nossa Santa Madre Igreja, e a título de simples opinião, devo dizer que o Demônio Íncubo, em seu comércio com as mulheres, engendra o feto humano de sua própria semente.

35. Muitas pessoas acharão esta proposição heterodoxa e pouco sensata, mas suplico ao leitor de não a condenar às pressas; pois se, como observa Celso, não é conveniente pronunciar um julgamento sem se ter examinado a lei sob todos os aspectos, da mesma maneira é injusto condenar uma opinião antes de haver pesado e refutado os argumentos sôbre os quais se apóia. É preciso pois provar a minha conclusão, e devo necessàriamente, a êste respeito, entrar em algumas digressões.

36. Em primeiro lugar, constato, como artigo de fé, a existência de Criaturas puramente espirituais, sem nenhum proveito com a matéria corporal, tal como decidiu o Concílio de Latrão, sob Inocente III. Assim são os Anjos bem-aventurados, e os Demônios condenados ao fogo eterno. Um certo número de Doutôres, é verdade, ensinou, mesmo após o Concílio, que a espiritualidade dos Anjos e dos Demônios não era artigo de fé; outros mesmo, indo mais longe, afirmaram que êles eram corpóreos, de onde Boaventura Baron concluir que não havia nada de herético nem de incoerente dar aos Anjos e aos Demônios uma dupla substância, corporal e espiritual. Entretanto, na presença da declaração formal do Concílio, que é de fé que *Deus é o Criador de tôdas as coisas visíveis e invisíveis, espirituais e corporais, que tirou do nada tôda criatura espiritual e corporal, Angélica ou terrena*, digo que é da fé admitir a existência de certas criaturas puramente espirituais, e que assim são os Anjos: não todos, mas um certo número.

37. Isto parecerá estranho talvez, mas conviremos que não é improvável. Se com efeito os Teólogos concor-

dam em constatar entre os Anjos uma diversidade específica, e por conseguinte essencial, tão grande que, a acreditar-se em S. Tomás, não existem dois Anjos da mesma espécie, mas cada um constitui uma espécie, a sua apenas, que dificuldade se achará nisso que certos Anjos sejam de espíritos muito puros, conseqüentemente de natureza muito superior, e que haja outros que sejam corpóreos e de natureza menos perfeita, diferindo assim uns dos outros por sua substância corporal e incorporal? Esta doutrina, assinalamos, tem a vantagem de conciliar fàcilmente as decisões, de outra maneira incompatíveis com os dois Concílios Ecumênicos, a saber o Sétimo Sínodo Geral, e o já dito Concílio de Letrão. De fato, na quinta sessão dêste Sínodo, que é o segundo de Nicéia, produziu-se um livro de João de Tessalônico, escrito contra um Filósofo pagão, onde se encontram as seguintes proposições: *"Relativamente aos Anjos, aos Arcanjos e suas Potências às quais somarei nossas próprias Almas, o aviso real da Igreja Católica é que são inteligências, mas nem sempre desprovidas de corpos e insensíveis como vós outros Gentios pretendeis; ela lhes reconhece ao contrário um corpo sutil, da natureza do ar ou do fogo, de acôrdo com o que está escrito: São feitos de espíritos êsses Anjos, e do fogo ardente seu Ministro."* E ainda: *"Se bem que não sejam corpóreos à nossa maneira, isto é, compostos dos quatro elementos, é todavia impossível dizer que os Anjos, os Demônios e as Almas são incorpóreos; pois têm aparecido numerosas vêzes, revestidos de seus próprios corpos, àqueles a quem o Senhor concedeu abrir os olhos."* Tendo êste livro sido lido por inteiro diante de todos os Padres presentes ao Sínodo, Tharasius, Patriarca de Constantinopla, o submeteu com êstes têrmos à aprovação do Santo Sínodo: *"A demonstração do Padre conclui que os Anjos devem ser representados em pintura, pois que sua forma é circunscrita, e que já foram vistos como figuras humanas."* Ao que o Sínodo, com voz unânime, respondeu: *"Sim, Meu senhor."*

38. Agora que esta aprovação por um Concílio à doutrina exposta em todo o curso do livro de João substitui um artigo de fé a respeito da corporeidade dos Anjos, isto nada mais faz que acrescentar uma dúvida: também os Teólogos suaram sangue e água para alçar a esta decisão o que ela tem de contraditória com a definição referida acima, do Concílio de Latrão. A se acreditar em Suarez, se os Padres não contradisseram uma tal asserção a respeito da corporeidade dos Anjos, é porque não era disso que cuidavam. Um outro pretende que o Sínodo aprovou apenas que se podia pintar os Anjos, mas não os motivos dados, *que são corpóreos*. Um terceiro, Molina, observou que as definições conciliares emitidas por êsse Sínodo, foram sòmente as da sétima sessão, de onde se conclui que as sessões precedentes são apenas definições de fé. Outros, enfim, escreveram que nem o Concílio de Nicéia, nem o de Latrão pretenderam definir uma questão de fé: o Concílio de Nicéia falou segundo a opinião dos Platônicos, que admitem os Anjos como sêres corpóreos e que prevaleceu então; o Concílio de Latrão, ao contrário, tendo seguido a autoridade de Aristóteles, o qual, no livro 12 de sua *Metafísica*, estabeleceu a existência de inteligências incorpóreas, doutrina que, depois, teve ganho de causa contra os Platônicos junto da maioria dos Doutôres.

39. Mas é fácil ver como estas respostas são frágeis, e Boaventura Baron (*Scot. Defens.*, tomo 9) demonstra até a evidência que elas não resistem a um exame. Portanto, para se porem de acôrdo êstes dois Concílios, é preciso dizer que o de Nicéia pretendeu falar de uma espécie de Anjos, e o de Latrão de outra espécie; a primeira corpórea, a segunda, ao contrário, absolutamente incorpórea; e é assim que se conciliam dois Concílios de outra maneira inconciliáveis.

40. Em segundo lugar, devemos observar que o nome Anjo não se aplica à natureza, mas à função: nisso os Santos Padres estão de acôrdo (S. Ambrósio, na *Epístola aos Hebreus*; S. Agostinho, *Cidade de Deus*; S. Gregório, *Homelia* 34 *sôbre os Evangelios*; S. Isidoro, *da Suprema Bondade*). O Anjo, diz muito bem S. Ambrósio, não é assim chamado por sua qualidade de espírito, mas pela função que cumpre: em latim Nuntius, isto é Enviado; de onde resulta que aquêles

a quem Deus confia qualquer missão, espíritos ou homens, podem receber a qualificação de Anjos, e é realmente isto que tem sentido nas Santas Escrituras, onde se lêem as palavras seguintes, aplicadas aos Padres, aos Predicadores e aos Doutôres que, na qualidade de Enviados de Deus, explicam aos homens a vontade divina (Malaquias, cap. 2, v. 7): *"Os lábios do padre serão os depositórios da ciência, e é de sua bôca que se procurará o conhecimento da lei, porque êle é o Anjo do Senhor dos exércitos."* O mesmo profeta, cap. 3, v. 1, dá o nome de Anjo a S. João Batista, nesta passagem: *Eu que vou enviar-vos meu anjo, que preparará meu caminho diante de minha face."* Que esta profecia se refere nìtidamente a S. João Batista, é o que atesta Nosso Senhor Jesus Cristo, *Evangelho segundo S. Mateus*, 11, v. 10. Há mais: Deus mesmo chamou-se Anjo, pois que foi enviado por seu Pai para anunciar ao mundo a lei da graça. Testemunha a profecia de Isaías, cap. 9, v. 6, de acôrdo com a versão dos Setenta: *"Êle será chamado Anjo de grande conselho."* E mais claramente ainda em Malaquias, cap. 3, v. 1: *"O Dominador que procurais, e o Anjo da aliança tão desejado por vós, virá ao seu templo"*, profecia que se aplica literalmente ao Senhor Cristo. Não existe pois de nossa parte, nenhuma obscuridade ao dizer que certos Anjos são corpóreos, pois o nome Anjo é dado a homens que, seguramente, têm um corpo.

41. Em terceiro lugar, é preciso convir que não se perscrutaram ainda, completamente, a existência nem a natureza das coisas naturais dêste mundo, para que seja permitido negar um fato em razão de outros jamais terem dito alguma coisa a respeito ou escrito. Não foi já demonstrado que, no curso do tempo, novas terras foram descobertas e que os Antigos ignoravam? da mesma maneira novos animais, novas ervas, plantas, frutas, sementes que em nenhuma outra parte foram jamais vistas? E se chegássemos enfim a explorar essa misteriosa Terra Meridional, como tantos viajantes inùtilmente tentaram até agora, quantas coisas novas nos seriam ainda reveladas! Não é também um fato demonstrado que a invenção do Microscópio e outros instrumentos empregados pela Filosofia experimental moderna, junto aos

processos de investigação mais exatos dos Anatomistas, pôs ou põe todos os dias à luz a existência, as propriedades, o caráter de uma porção de coisas naturais desconhecidas dos antigos Filósofos, tais como o ouro fulminante, o fósforo, e uma centena de outras composições químicas, a circulação do sangue, as veias láteas, os vasos linfáticos e outros fenômenos semelhantes recentemente descobertos pelos Anatomistas? Motejar de uma doutrina porque não se encontra menção em nenhum autor antigo é, pois, coisa inepta, sobretudo se se quer ter em conta êste axioma da Lógica: *locus ab auctoritate negativa non tenet.*

42. Em quarto lugar, observemos que a Santa Escritura e as tradições eclesiásticas nada nos ensinam além do que é necessário à saúde da alma, isto é, da Fé, da Esperança e da Caridade. Portanto, se uma coisa não fôr constatada nem pela Escritura, nem pela tradição, não é necessário concluir que tal coisa não exista. Por exemplo: a Fé nos ensina que Deus, por seu Verbo, criou coisas visíveis e invisíveis; e paralelamente, que tôda criatura racional obtém pessoalmente a graça e a glória pelos méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Agora, que existe um mundo além dêste em que habitamos; que nesse outro mundo existem homens não nascidos de Adão, mas criados por Deus de outra maneira qualquer, como supõem os que admitem habitantes na Lua; ou ainda que neste mundo em que habitamos, existem criaturas racionais independentemente dos homens e dos Espíritos Angélicos, as quais nos são geralmente invisíveis e não se descobrem ao homem senão por acidente, por um ato de seu próprio poder, tudo isso nada tem a ver com a Fé, e o saber ou ignorar não é mais necessário à saúde do homem, que saber o número ou a natureza de tôdas as coisas psíquicas.

43. Em quinto lugar, nem a Filosofia, nem a Teologia fornecem alguma objeção a êsses dados de criaturas racionais de espírito e corpo, e distintas do homem. A objeção, com efeito, não poderia ser senão que ao impossível tirado ou de Deus (o que é falso pois que Deus é todo-poderoso); ou de algo a criar, o que é falso ainda,

pois, assim como existem criaturas puramente espirituais, como os Anjos, ou puramente materiais, como o Mundo, ou, finalmente, metade espirituais, metade corpóreas, e de uma corporeidade terrestre e espêssa, como o homem, também podemos admitir uma criatura dotada de um espírito racional, e de uma corporeidade menos espêssa e mais sutil que o homem. Não há dúvida, aliás, que após a Ressurreição, a alma dos Bem-aventurados será unida a um corpo glorioso e sutil; de onde é permitido concluir que Deus pôde criar um ser racional e corporal, cujo corpo é naturalmente sutil como o corpo glorioso transfigurado pela graça.

44. Mas, para melhor estabelecer a possibilidade destas criaturas, vamos eliminar os argumentos que se possam formar contra nossa conclusão e responder às questões que a ela se sobrelevem.

45. Primeira questão: deveriam estas criaturas ser qualificadas de animais racionais? e no caso de uma afirmativa, em que diferem elas do homem, para o qual lhe seriam comuns?

46. Eu respondo: sim, seriam animais racionais, munidos de sentidos e órgãos corporais, tal como o homem; entretanto, difeririam do homem, não sòmente pela natureza mais sutil de seus corpos, mas também pela matéria. Com efeito, o homem foi formado, como o constata a Escritura, da parte mais espêssa de todos os elementos, isto é, do lôdo, mistura densa de água e terra: estas criaturas, ao contrário, seriam formadas da parte mais sutil de todos os elementos, ou de um apenas; assim uns derivariam da terra, outros da água ou do ar, ou do fogo, e para evitar defini-los nos mesmos têrmos que o homem, seria preciso juntar à definição dêste último a menção da materialidade espêssa de seu corpo, pelo que diferiria dessas criaturas.

47. Segunda questão: A que época se poderia assinalar a origem dêsses animais, e seriam êles produto da terra, ou da água, como os animais, quadrúpedes, pássaros, etc...; ou, ao contrário, teriam sido criados, assim como o homem, pelo Senhor Deus?

48. Eu respondo: É de fé, e o Concílio de Latrão expressamente definiu, que tudo o que existe de fato e atualmente foi criado desde o comêço do mundo. Por sua virtude tôda poderosa, Deus tirou juntamente do nada, desde a origem dos séculos, as duas ordens de criaturas, espirituais e corporais. Ora, os animais em questão seriam compreendidos no gênero das criaturas. Quanto à sua formação, se poderia dizer que foi Deus quem, pelo ministério dos Anjos, fêz seus corpos assim como fêz o do homem, ao qual deveria ser unido um espírito imortal. De fato, sendo êste corpo, por sua natureza, mais nobre que o dos outros animais, êle deveria juntar um espírito sutil e mais nobre.

49. Terceira questão: Descenderiam êsses animais de um só animal, como todos os homens descendem de Adão; ou, ao contrário, diversos seriam criados ao mesmo tempo, como as espécies diferentes produzidas pela terra e pela água, onde se encontram machos e fêmeas para que se perpetuem pela geração? E mais, haveria entre êles distinção de sexo? Estariam sujeitos a nascer e morrer? Seriam providos de sentidos, de paixões, necessidade de alimentação, faculdades de crença? E então, quais seriam seus alimentos? Finalmente, viveriam em sociedade, tal como os homens? Por que leis seriam regidos? Disputariam cidades para habitar? Cultivariam as artes e as letras? Possuiriam bens e guerreavam-se entre si, como os homens?

50. Eu respondo: É possível que todos descendam de um só indivíduo, como os homens descendem de Adão; é possível também que tenham sido criados, desde a origem, em um certo número, machos e fêmeas, para que propagassem a espécie. Admitimos ainda que nasçam e morram; que se dividam em machos e fêmeas; que tenham como os homens, sentidos e paixões; que seus corpos se nutrem e se desenvolvem: todavia, seu alimento não deve ser grosseiro como o que exige o corpo humano, mas uma substância delicada e vaporosa, emanada de eflúvios espirituais de tudo que, na natureza, aflui em corpúsculos voláteis, como o vapor de viandas em fatias, o vapor do vinho, das frutas, das flôres, dos aromá-

ticos, de onde se desprendem eflúvios dêste gênero, até à evaporação perfeita das partes sutis e voláteis. Que, de resto, possam viver em sociedade; que tenham entre si diferentes condições de classe e de precedência; que cultivem as artes e as ciências, mantenham exércitos, fundem cidades, e façam enfim tudo o que é necessário à sua conservação: a isto não veria, no fundo, nada a objetar.

51. Quarta questão: Qual seria a forma de seus corpos; seria a da forma humana ou outra? Haveria entre as diversas partes de seus corpos uma ordem essencial, como se vê nos outros animais, ou sòmente acidental, como entre as substâncias fluidas, tais como o óleo, a água, as nuvens, a fumaça, etc.? Seriam estas partes orgânicas compostas de substâncias diferentes, como os órgãos do corpo humano, em que se encontram partes mais espêssas, tais como os ossos e outras menos espêssas, tais como as membranas?

52. Eu respondo: No que concerne à forma de seus corpos, nada podemos negar ou afirmar com certeza, pois que estas formas não chegam aos nossos sentidos, sendo muito delicadas para as nossas vistas e nossos tatos. Deixemos pois êstes conhecimentos a êles próprios e àqueles que têm o privilégio de discernir intuitivamente as substâncias imateriais. Mas, enquanto que probabilidade, digo que esta forma deve corresponder à do corpo humano, com alguma particularidade distintiva, como a delicadeza mesmo de seus corpos. E o que me corrobora nesta opinião é o considerar que o corpo humano, de tôdas as obras de Deus, é a mais perfeita; que, enquanto todos os outros animais, de alma mortal, são curvados sôbre a terra, Deus, como diz o poeta Ovídio, em suas *Metamorfoses*,

> deu ao homem um rosto sublime, permitindo-lhe contemplar o céu, e ter seus olhos levantados para os astros,

e isto, por que a alma do homem foi criada imortal, voltada para a morada celeste. Ora, se os animais dos quais falamos, possuem um espírito imaterial, racional e imortal, conseqüentemente capaz de beatitude e de danação,

"Tentação das horas derradeiras" ARS MORIENDI
gravura em madeira

é lógico admitir que o corpo, ao qual êste espírito está unido, seja semelhante ao corpo mais nobre que existe na ordem animal, ou seja, ao corpo humano. De onde segue que as diferentes partes dêste corpo devem ter entre si uma ordem essencial; que, por exemplo, o pé não é um apêndice da cabeça, nem a mão um apêndice do ventre, mas que cada órgão está em seu lugar, de acôrdo com as funções que lhe são destinadas. Pelo que é próprio das partes constitutivas dêstes órgãos, é necessário a meu ver que haja partes mais ou menos sólidas, mais ou menos delicadas, a fim de corresponder às exigências da operação orgânica. E se se objetar a êste respeito a própria delicadeza de seu corpo, direi que a solidez, a consistência das partes orgânicas das quais falamos, não seriam absolutas, mas apenas relativas às outras partes mais delicadas. E é isto, além de que, o que se pode observar em todos os corpos fluidos naturais, como o vinho, o óleo, o leite, etc.: tão homogêneos, tão iguais entre si que parecem tôdas as partes uma só de que se compõem, e não é assim todavia; pois umas são argilosas, outras aquosas: existe o sal fixo, o sal volátil, o enxôfre; e tudo isso não necessita, para saltar aos olhos, ser submetido à análise química. Assim também no caso que nos ocupa; pois, supondo-se que os corpos dêstes animais fôssem sutis e delicados como os corpos naturais fluidos: a água, o ar, etc., não seria preciso reconhecer menos diferenças na qualidade de suas partes constitutivas, das quais umas seriam sólidas em comparação com outras mais delgadas, sem que os corpos assim compostos, tomados em seu conjunto, deixassem de poder ser chamados delicados.

53. Mas, se objetará, que isto se opõe ao que foi dito acima a respeito da ordenação essencial das partes entre si; pois é visível que, nos corpos fluidos e sutis, uma parte não é essencialmente coordenada, mas sòmente acidentalmente com uma outra: assim, uma parte de vinho que, em qualquer tempo, esteja próxima a uma outra parte, ambas se encontram a seguir, ou porque se entorne o recipiente ou se agite o vinho, em contato com uma terceira parte; e tôdas as partes ao mudarem de posição continuarão a ser o mesmo vinho. De onde

se concluiria que os corpos dêstes animais não teriam uma figura estável e, conseqüentemente, não seriam orgânicos.

54. Minha resposta é muito simples: eu nego a menor. Com efeito, se nos corpos fluidos, a ordenação essencial das partes não é aparente, não é menos real, e é por isso que um corpo composto permanece composto. Veja-se, por exemplo, o vinho: apenas espremido da uva, se diria um licor completamente homogêneo, o que não é exato; pois existem partes espêssas que, ao fim se depositam no fundo do tonel; existem também partes mais finas, que se evaporam; partes fixas, como o tártaro; partes voláteis, como o enxôfre ou o álcool; e partes intermediárias entre o volátil e o fixo, como a fleuma. Estas diversas partes não guardam respectivamente uma ordem essencial; pois, assim como o mosto foi espremido das uvas e toma o nome de enxôfre ou espírito volátil, permanece estreitamente ligado de tal maneira às partículas do tártaro, que são fixas, que lhe é impossível escapulir.

55. É por isso que o mosto recém-espremido das uvas não se presta de maneira alguma à destilação do espírito sulfuroso, vulgarmente chamado *aguardente* mas, após quarenta dias de fermentação, as partículas de vinho se deslocam; os espíritos que, estando ligados às partículas tartáricas, as mantinham suspensas por sua própria volatilidade, enquanto que estas ficam retidas por si mesmas de maneira a impedir a evaporação, se separam destas partículas, e permanecem misturados às partes fleumáticas, depois se desprendem fàcilmente por ação do fogo, e se evaporam: assim, no meio da destilação é que se formou a aguardente, que não é outra coisa senão o enxôfre contido no vinho, volatizado pelo calor com a parte mais delicada do fleuma. Ao fim de quarenta dias começa uma outra fermentação que se prolonga um pouco mais ou menos dependendo que a maturidade do vinho seja mais ou menos perfeita, e termine de uma maneira ou de outra, segundo seja o espírito sulfuroso menos ou mais abundante. Com efeito, se existe no vinho abundância de enxôfre, êle azeda na fermen-

tação e se transforma em vinagre; se ao contrário, contém pouco enxôfre, o vinho amacia, e é o que se chama em italiano *vino molle* ou *vino guasto*. Se o vinho é sazonado em primeiro lugar, como acontece em outros casos, torna-se em menos tempo de doce a ácido, ou amaciado, como demonstra a experiência de cada dia. Ora, na fermentação que já se falou, a ordem essencial das partes do vinho sofreu uma alteração, mas não em sua quantidade ou em sua matéria, que não muda, nem diminui: uma botelha cheia de vinho, por exemplo, ao fim de certo tempo se acha repleta de vinagre, sem que haja nada de mudança quanto à quantidade de matéria; a ordem essencial das partes é que foi mudada: o enxôfre que, como dissemos, estava unido ao fleuma e separado do tártaro, mistura-se de nôvo ao tártaro e permanece fixo com êle; de sorte que se se destila o vinagre, que é o enxôfre do vinho entremeado de partículas de tártaro menos fixo. Ora, a mutação essencial das sobreditas partes afeta a substância do licor espremido da uva, como provam manifestamente os efeitos contrários e variados do mosto, do vinho, do vinagre e do vinho brando ou corrompido; o que faz com que os dois primeiros sejam matérias próprias à consagração, mas não as duas outras. — Emprestamos esta exposição da economia do vinho à sábia obra de Nicolas Lémery, *Parfumeur du Roi de France*, Curso de Química, p. 2 c. 9.

56. Agora, se aplicamos ao nosso objetivo a doutrina natural exposta acima, digo que admitida a corporeidade sutil e delicada dos animais em questão, análoga à substância dos líquidos; admitida paralelamente sua organização e sua figura, que exigem uma ordenação essencial das partes, não haveria, a se supor o contrário, nenhum argumento a se levantar contra sua existência: pois assim, e já o dissemos, como a mistura das partes do vinho e a diversidade de suas posições acidentais não afetam em nada a ordenação essencial destas partes, da mesma maneira aconteceria com respeito ao corpo sutil de nossos animais.

57. Quinta questão: Estariam êstes animais sujeitos às enfermidades e outras imperfeições que sofrem

os homens, tais como a ignorância, o mêdo, a preguiça, a paralisação dos sentidos, etc.? Se fadigariam com o trabalho, teriam necessidade, para reparar suas fôrças, de dormir, alimentar-se, beber? Quais seriam sua alimentação e sua bebida? Estariam destinados a morrer, e poderiam ser mortos ou por acidente, ou pela ação de outros animais?

58. Eu respondo: Desde o momento que seus corpos, embora sutis, fôssem materiais, estariam por isso mesmo sujeitos à corrupção; conseqüentemente, poderiam sofrer a ação de agentes contrários e, por conseguinte, enfermarem, isto é, seus órgãos se recusariam a funcionar, ou desempenhariam apenas e de maneira imperfeita as funções que lhes fôssem destinadas, pois é nisto que consiste tôda doença de certos animais, como ensina doutamente o muito ilustre Miguel Ettmuller, *Physiologie*, c. 5, tese 1. Em verdade, como a matéria de seus corpos será menos espêssa que a do corpo humano, como será formada de menos elementos compostos, portanto menos compósito, não sofreriam também fàcilmente a ação dos contrários, seriam pois menos sujeitos que o homem às enfermidades, e suas vidas seriam mais longas: pois, quanto mais perfeito é o animal, tomado em sua espécie, mais tempo êle vive, assim testemunha a espécie humana, cuja existência é mais longa que a dos outros animais. Não admito, com efeito, a vida secular das gralhas, dos cervos, dos corvos e outros semelhantes, dos quais Plinio nos conta fábulas à sua maneira; e, embora suas fantasias tenham sido reproduzidas, sem exame prévio, por diversos autores, não é menos certo que ninguém, ao escrever assim, tenha anotado exatamente o nascimento e a morte dessas criaturas: contentam-se em aceitar a fábula corrente, como fazem com respeito à Fênix, cuja longevidade é admitida por Tacito, *Anais*, 1, 6. Será necessário portanto inferir que os animais dos quais falamos se sobreporiam ao homem em sua longevidade; pois, tal como diremos mais abaixo, êles seriam mais nobres que o homem; conseqüentemente também, estariam sujeitos às outras afecções corporais, e teriam necessidade de repouso e de alimento, como já o dissemos no n.º 50. Agora, em sua qualidade

de sêres racionais e por conseguinte, educáveis, poderiam também permanecer ignorantes se seus espíritos não fôssem cultivados pelo estudo e pela disciplina, e se encontrariam entre êles alguns menos ou mais versados nas ciências, menos ou mais hábeis, segundo sua inteligência tivesse sido menos ou mais exercitada. Todavia, a tomar pelo geral e pela universalidade de sua espécie, êles seriam mais instruídos que o homem, não em razão da sutilidade de seus corpos, mas talvez ou porque seu espírito fôsse mais ativo, ou porque sua vida fôsse mais longa permitindo-lhes aprenderem mais coisas que o homem: tais são efetivamente as causas assinaladas por S. Agostinho (*Divn. Démon.*, cap. 3, e em *O Espírito e a Alma*, cap. 37), na presciência das coisas futuras entre os Demônios. Êles poderiam, além de que, sofrer os efeitos dos agentes naturais, mas difìcilmente ser mortos, em razão da rapidez com que escapam ao perigo; também será concebível que possam ser mortos ou mutilados pelas feras ou pelo homem, por meio de armas naturais ou artificiais, tão hábeis são para evitar o golpe que os ameaça. Entretanto, poderiam ser mortos ou mutilados durante o sono, ou num momento de inadvertência, por meio de um corpo sólido, tal como uma espada vibrada por um homem ou uma pedra lançada com fôrça; pois, embora sutil, seu corpo seria divisível, como o ar que, embora vaporoso, todavia pode ser dividido por uma espada, um bastão, ou qualquer outro corpo sólido. Quanto a seu espírito, êste seria indivisível e, como a alma humana, inteiro no todo e em cada parte do corpo. Conseqüentemente, a divisão de seu corpo ao ser efetuada, como foi dito acima, por um outro corpo, pode causar mutilação e mesmo a morte, pois não seria possível ao espírito, que em si é indivisível, animar uma e outra parte de um corpo dividido. Sem dúvida, assim como as partes do ar, divididas por intermédio de um corpo, voltam-se a reunir-se tão logo o corpo seja retirado, para formar o mesmo ar anterior: da mesma maneira as partes do corpo divididas, como foi dito acima, poderão reunir-se e reviver com o mesmo espírito. Mas, desta maneira, será necessário concluir que nossos animais não poderiam ser mortos por agentes naturais ou artificiais: será mais racional permanecermos em nossa primeira posição; pois, desde o momento que fôssem comuns em matéria com as outras criaturas, é natural que estivessem expostos a sofrer o mesmo que estas criaturas, de acôrdo com a lei comum, e até a morte mesmo.

59. Sexta questão: Poderia seu corpo penetrar em outros corpos, como a parede, a madeira, os metais, o vidro, etc.? Poderiam residir em grande número em um mesmo lugar material, e em cujo espaço se entendessem ou se restringissem seus corpos?

60. Eu respondo: Todos os corpos, por compactos que sejam, possuem poros, provam os metais que, mais que todos os outros corpos, parecem privados dos mesmos; mas, com a ajuda de um microscópio perfeitamente graduado, podem-se observar os poros dos metais com suas diferentes figuras. Ora, êstes animais poderiam se insinuar em outros corpos quaisquer pelos poros e assim os penetrar, ainda que êstes poros sejam impenetráveis a licores ou espíritos materiais, como o vinho, o sal amoníaco ou outros semelhantes, porque seus corpos seriam muito mais sutis que êstes licores. Entretanto, embora diversos Anjos possam residir em um mesmo lugar material, e mesmo encerrar-se em um espaço dos mais estreitos, não todavia ao infinito, como prova Scott, seria temerário atribuir a mesma faculdade aos corpos dos animais nos quais êle age: seus corpos, com efeito, são limitados em substância, impenetráveis uns aos outros; e se dois corpos gloriosos não podem estar em um mesmo lugar, ainda que um glorioso e um não glorioso possam encontrar-se juntos, como querem certos doutôres, menos ainda poderiam os corpos dêstes animais, sutis sem dúvida, mas não ao ponto de se igualarem com a sutilidade dos corpos gloriosos. Considerando-se seu poder de extensão ou de compressão, poderíamos tomar o exemplo do ar, que, rarefeito e condensado, ocupa um espaço mais ou menos grande e pode mesmo, por meios artificiais, ser restringido ao ponto de permanecer em um espaço mais estreito que seu volume natural o exigiria; é com efeito o que se vê nesses balões que a gente enche por prazer, por meio de um tubo ou de um cála-

mo: o ar é aí introduzido e comprimido violentamente, e o balão retém uma quantidade maior que sua capacidade natural permitiria. Paralelamente, os corpos dos animais nos quais êle age poderiam, por sua virtude natural, se alargar para um espaço maior, mas que não excedesse, todavia, sua própria substância; êles poderiam também se comprimir, mas não além do espaço determinado exigido por esta mesma substância. E como entre êles, da mesma maneira que entre os homens, existiriam grandes e pequenos, seria natural que os grandes pudessem se alargar mais que os pequenos, e êstes comprimirem-se mais que os grandes.

61. Sétima questão: Nasceriam êstes animais no pecado original, e seriam êles livrados pelo Senhor Cristo? Ser-lhes-ia conferida a graça, e por quais sacramentos? Sob que lei viveriam êles, e seriam capazes de beatitude e de danação?

62. Eu respondo: É artigo de fé, que o Cristo conferiu a graça e a glória para tôda criatura racional. É ainda artigo de fé, que a glória sòmente é conferida à criatura racional quando tenha sido dotada da graça, que é a disposição à glória. Um outro artigo é que a glória só é conferida pelos méritos. Ora, êstes méritos têm seu fundamento na observância perfeita aos mandamentos de Deus, realizado pela graça. As questões expostas se encontram também resolvidas. Agora, se estas criaturas pecaram originalmente ou não, não saberei afirmar. É certo, todavia, que se seu primeiro Pai havia pecado, como pecou Adão, seus descendentes nasceram no pecado original, como nascem os homens. E como Deus não deixa nunca sem remédio a criatura racional, por mais tempo que esteja no caminho, se as criaturas em questão estão acometidas de pecado, seja original, seja atual, Deus as terá provido de um remédio; mas qual o caso e de que espécie é o remédio, isto é segrêdo seu, dÊle e delas. Seguramente, se elas dispõem de Sacramentos idênticos ou análogos aos usados na Igreja humana militante, deveriam a instituição e eficácia aos méritos de Jesus Cristo, que é o Redentor e Salvador universal de tôdas as criaturas racionais. Seria igualmente conveniente, necessário mesmo, admitir que elas viveriam sob alguma lei a elas dada por Deus, e de cuja observância poderiam obter a beatitude; mas qual seria esta lei, natural sòmente, ou escrita, Mosaica ou Evangélica, ou inteiramente distinta e especialmente instituída por Deus, isto nos é desconhecido. Qualquer que seja, entretanto, não resultará em nenhuma objeção contra a existência de tais criaturas.

63. O único argumento, e assim mesmo frágil, que uma longa meditação me sugere contra a possibilidade destas criaturas, é que, se existissem realmente no mundo, nós as encontraríamos mencionadas em alguma parte pelos Filósofos, pela Santa Escritura, a Tradição Eclesiástica ou os Santos Padres; não existindo semelhante menção, é preciso concluir pela impossibilidade absoluta destas criaturas.

64. Mas êste argumento que, na realidade, ataca mais sua existência que sua possibilidade de ser, se resolve fàcilmente pelas premissas que expusemos atrás, nº 41 e 42. Com efeito, um argumento não pode valer como autoridade negativa. Depois, é falso que nem os Filósofos, nem a Escritura, nem os Padres, nos digam nada a respeito. Platão, como se refere Apuleio (*Demônio de Sócrates*) e Plutarco (*Isis e Osiris*), definiu assim os Demônios: sêres do gênero animal, almas passivas, inteligências racionais, corpos aéreos, eternos quanto à duração; e dá a essas criaturas o nome de *Demônio*, que em si mesmo nada tem de imoral, pois significa *pleno de sabedoria*; também quando os autores querem designar o Diabo (ou Anjo mau) não o chamam simplesmente de Demônio, mas *Cacodemônio*, e dizem também *Eudemônio* quando querem falar do Anjo bom. Quanto à Santa Escritura e aos Padres, fazem igualmente menção a essas criaturas, como o mostraremos a seguir.

65. Já que estabelecemos a possibilidade das criaturas em questão, vamos mais longe e provemos sua existência. Admitimos, de início, a veracidade das narrativas que nos foram feitas a respeito do comércio dos Íncubos e dos Súcubos com os homens e os animais, narrativas de tal modo numerosas que seria impudência

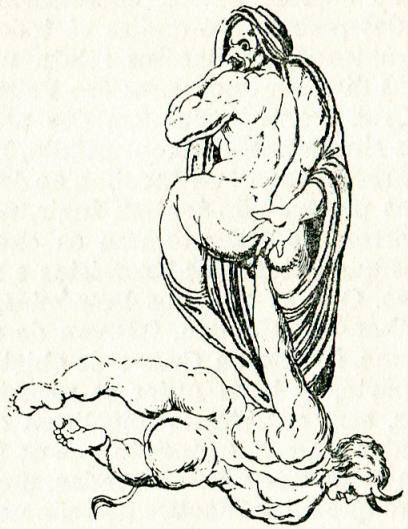
negar o fato, como diz S. Agostinho, cujo testemunho foi citado acima (nº 10). Isto pôsto, argüimos: onde está a paixão que é própria do sentido, está necessàriamente o sentido mesmo, pois, segundo os princípios filosóficos, a paixão deriva da natureza, isto é, onde estão as ações ou operações do sentido está o próprio sentido, não sendo as operações e ações mais que sua forma exterior. Ora, nos Íncubos e nos Súcubos, que nos ocupam, observam-se ações, operações e paixões que vêm pròpriamente dos sentidos: portanto possuem sentidos; mas o sentido não pode existir sem que o acompanhem órgãos compósitos, sem uma combinação de alma e de corpo: portanto possuem um corpo e uma alma, e conseqüentemente serão animais; mas suas ações e operações são também as de uma alma racional: portanto sua alma será racional; e assim, do primeiro ao último ponto, êstes Íncubos são animais racionais.

66. Nossa menor se demonstra fàcilmente pela análise. Com efeito, a paixão apetitiva do coito é uma paixão do sentido; o desgôsto, a tristeza, a cólera, o furor causado pela recusa do coito são paixões do sentido, como se vê em todos os animais; a geração pelo coito é evidentemente uma operação do sentido. Ora, tudo isto se observa nos Íncubos, tal como provamos acima: êles solicitam as mulheres, algumas vêzes os homens; experimentam a recusa, se entristecem e se põem em furor, como os amantes: *amantes, amentes*; êles praticam perfeitamente o coito, e geram muitas vêzes. Portanto é preciso concluir que são dotados de sentido, e conseqüentemente que possuem um corpo; conseqüentemente também, que são animais perfeitos. Há mais: portas e janelas fechadas, êles entram em tôda parte como bem entendem, pois seu corpo é sutil; enfim conhecem e anunciam o futuro, compõem e dividem tôdas as operações próprias a uma alma racional, sendo portanto dotados de uma alma racional, e são, na realidade, animais racionais.

A isso os Doutôres respondem geralmente que os atos impuros são feitos do Espírito Maligno: sòmente êle simula as paixões, o amor, o desgôsto pela recusa ao coito,

a fim de atrair as almas ao pecado e de as perder; e se acaso pratica o coito, se procria, é através de uma semente e de um corpo emprestados, como foi dito mais acima (nº 24).

67. Mas, nos replicarão, há Íncubos que atacam cavalos, jumentos ou outros animais, e que, se se rebelam à sua paixão, os maltratam, como é visto todos os dias: não é admissível portanto que o Demônio simule



"A Sodomia Castigada" detalhe da Capela Sixtina
Michelângelo

o desejo do coito a fim de perder as almas, pois que as almas dos brutos não estão sujeitas à danação eterna. E mais, o amor e a cólera produzem nêles efeitos inteiramente opostos. Se, com efeito, a mulher ou o animal amado cedem a seus caprichos, êste Íncubos os tratam perfeitamente; ao contrário, não há sevícias que os façam sofrer a impressão da cólera, que o furor causado pela recusa do coito: a experiência de cada dia o demonstra bastante. Portanto êstes Íncubos têm real-

mente a paixão do sentido. Por outra, os Espíritos Malignos, os Demônios incorpóreos que têm trato com as Feiticeiras e as possessas, as constrangem a adorá-las, a renunciar à Fé Ortodoxa, a cometer malefícios e crimes enormes, tudo em razão do coito infame, como foi dito acima (nº 11); os Íncubos nada exigem de parecido, não sendo portanto Espíritos Malignos. Enfim, para pôr em fuga o Demônio mau, para o fazer tremer e fremir, é suficiente, como escreveu Guaccius, o nome de Jesus ou Maria, o sinal da Cruz, a aproximação das santas relíquias ou objetos bentos, exorcismos, adjurações ou injunções dos padres; é o que se vê todos os dias no caso de energúmenos, e Guaccius relata muitos exemplos tirados das diversões noturnas das Feiticeiras, onde, ao sinal da Cruz formado por um dos assistentes, ao nome de Jesus simplesmente pronunciado, Diabos e Feiticeiras desaparecem todos. Os Íncubos, ao contrário, submetidos a estas provas, não tentam fugir, nem manifestam algum terror; às vêzes tomam os exorcismos por chacota; há os que batem nos Exorcistas e rasgam suas vestes sagradas. Ora, se os maus Demônios, subjugados por Nosso Senhor Jesus Cristo, tremem de mêdo ao rumor de seu nome, à vista da Cruz e de objetos sagrados; se, da outra parte, os bons Anjos se regozijam com as mesmas coisas, sem entretanto impelirem os homens a pecar e a ofender a Deus, enquanto que os Íncubos, não tendo nenhum mêdo das coisas sagradas, provocam o pecado: está claro que êstes Íncubos não são nem maus Demônios, nem bons Anjos; está claro igualmente que não são homens, ainda que sejam dotados de razão. Que serão êles então? Se se os supõe chegados ao fim, espíritos apenas, serão réprobos ou ditosos, pois, em boa Teologia, não existem espíritos puros em via de salvação. Réprobos, venerariam o nome e a Cruz de Cristo; ditosos, não provocariam os homens ao pecado; portanto serão outra coisa menos espíritos puros, e, por conseqüência, terão um corpo, e estão no caminho da salvação.

68. Observemos também que um agente material só pode agir sôbre um passivo igualmente material. Isto é, com efeito, um axioma filosófico muito conhecido, que o agente e o paciente devem ter um sujeito comum:

o que é puramente matéria não pode agir sôbre um objeto puramente espiritual. Ora, há agentes naturais que agiram contra os Demônios Íncubos em questão; segue-se pois que êstes Íncubos são materiais, ou corpóreos. Nossa menor é provada pelos testemunhos de Dioscorida, de Plínio, de Aristóteles e de Apuleio, citados por Guaccius, *Comp. Malef.*, 1, 3, cap. 13, fol. 316; ela é confirmada pelo conhecimento que temos de diversas ervas, pedras e substâncias animais que têm a virtude de expulsar os Demônios, como a arruda, o hipericão, a verbena, a carvalhinha, o palma-cristi, a centaurea, o diamante, o coral, o azeviche, o jaspe, a pele da cabeça do lôbo ou do asno, os mênstruos das mulheres, e uma centena de outras: pelo que êle escreveu: Àquele que reprime a investida do Demônio, é permitido possuir pedras, ou ervas, mas sem recorrer aos encantamentos. De onde resulta que as pedras e as ervas podem, por sua virtude natural, dominar o esfôrço do Demônio: outrossim o Cânon sobrevisto não permitia o emprêgo, o interditaria ao contrário como supersticioso. Um exemplo esclarecedor dêsse fato é aquêle que encontramos na Santa Escritura, onde o Anjo Rafael diz a Tobias, cap. 6, v. 8, falando do peixe que êle havia pescado no Tigre: "Se lanças à brasa uma parcela de seu fígado, a fumaça fará escapar tôda espécie de Demônios." A experiência demonstra a verdade destas palavras, pois o fígado do peixe nem foi todo jogado ao fogo e o Íncubo amoroso de Sara empreendeu a fuga, desaparecendo para não mais voltar.

69. A isto os Teólogos respondem de ordinário que êstes agentes naturais expulsam o Demônio, mas sòmente incoativamente, e que o efeito completivo é devido à fôrça sobrenatural de Deus ou do Anjo: de tal sorte que a fôrça sobrenatural é a causa primeira, direta e principal, sendo a fôrça natural secundária, indireta e subordinada. Assim, para explicar como a fumaça do fígado do peixe queimado por Tobias pôde pôr o Demônio em fuga, Valesius alega que a fumaça havia recebido de Deus o poder sobrenatural de expulsar o Íncubo, da mesma forma que o fogo material do Inferno tem o poder de torturar os Demônios e as almas dos Réprobos. Outros, como Li-

ranus e Cornelius, ensinam que a fumaça do coração do peixe expulsou o Demônio incoativamente por virtude natural, mas completivamente por virtude angélica e celeste: por virtude natural, opondo à ação do Demônio uma ação contrária, pois o Espírito Maligno obra causas e humores naturais, cujas qualidades são combatidas por qualidades contrárias de coisas naturais que se sabe capazes de expulsar os Demônios; e esta opinião é endossada por todos os autores que tratam da arte dos exorcismos.

70. Mas esta explicação, por plausível que sejam os fatos sôbre os quais se funda, pode ser admitida com respeito aos Espíritos Malignos que obsedam os corpos ou, por meio de malefícios, comunicam-lhes doenças ou outras enfermidades. Em relação aos Íncubos, falha completamente em seu alcance. Êstes, com efeito, não obsedam os corpos; não lhes comunicam doenças, e sua maldade se limita a golpes, a maus tratos. Se fazem definhar os jumentos que se recusam ao coito, é por suspensão de seu alimento, em razão do que depauperam e terminam por morrer. Para fazer isto o Íncubo não tem necessidade de empregar um agente natural, como o Espírito Maligno quando quer comunicar uma doença: basta-lhe exercer sua fôrça orgânica natural. Do mesmo modo, quando o Espírito Maligno obseda os corpos e comunica-lhes doenças, é quase sempre com a ajuda de signos convencionados e dispostos por uma feiticeira ou um feiticeiro, os quais são geralmente de coisas naturais contendo em si virtudes de prejudicar, contra o que se opõem naturalmente outras coisas igualmente naturais e dotadas de virtude contrária. O Íncubo, êste procede de maneira diferente; é de si mesmo, e sem o concurso de nenhum feiticeiro ou feiticeira, que inflinge os maus tratos. Por outra, são as coisas naturais que põem os Íncubos em fuga, exercendo sua virtude e produzindo resultado sem a intervenção de nenhum exorcismo ou bênção: não se poderia dizer por conseguinte que o Íncubo seja expulso incoativamente por virtude natural e completivamente por fôrça divina, pois que não existe aqui nenhuma invocação do nome divino, mas efeito puro e simples de uma coisa natural, para a

qual Deus não concorre senão a título de agente universal, como autor da natureza, causa universal e primeira na ordem dos eficientes.

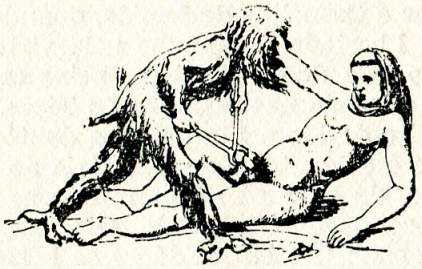
71. Eis a êste respeito duas histórias: tomei a primeira de um Confessor de Nonnes, homem grave e muito digno de fé; quanto à segunda, fui testemunha ocular.

Em um monastério de santas Religiosas vivia como pensionista uma jovem virgem de família nobre, a qual era tentada por um Íncubo que lhe aparecia dia e noite, e, com os mais insistentes rogos, com as maneiras de amante o mais apaixonado, a solicitava sem cessar ao pecado: ela, entretanto, protegida pela graça de Deus e a constância dos sacramentos, permanecia firme em sua resistência. Mas, apesar de tôdas as suas devoções, seus jejuns, seus votos; malgrado os exorcismos, as bênçãos, as injunções feitas pelos exorcistas ao Íncubo para renunciar às suas perseguições; a despeito do número de relíquias e outros objetos sagrados acumulados no quarto da jovem, círios ardentes que ali permaneciam durante tôda a noite, o Íncubo não menos persistia em lhe aparecer como de costume sob a forma de um muito belo jovem. Por fim, entre as doutas personagens consultadas a propósito, encontrou-se um Teólogo de grande erudição: o qual, observando que a jovem tentada era de temperamento fleumático, conjetura que aquêle Íncubo devia ser um demônio aquoso (existem com efeito, como atesta Guaccius, demônios ígneos, aéreos, fleumáticos, terrestres, subterrâneos, inimigos do dia), e ordena que se faça imediatamente no quarto da jovem uma fumegação de vapor. Traz-se em conseqüência um recipiente nôvo com terra transparente, coloca-se uma medida de cana aromática, de pimenta cubeba, de raízes de aristolóquia de duas espécies, de cardamomo grande e pequeno, de gengibre, de pimenta comprida, de cariófilas, de cinamomo, de canela cariofilácea, de macis, de noz-moscada, de estoraque calamite, de benjoim, de ramos de aloés, e de trisantos, tudo em três porções de aguardente meio pura; coloca-se o recipiente sôbre cinzas quentes, a fim de que suba o vapor fumegante, e mantém-se o quarto fechado. Com a fumegação feita

chega o íncubo, mas desta vez não ousa penetrar no quarto; apenas se a jovem sai para um passeio no jardim ou ao claustro, êle aparece a ela, permanecendo invisível para os outros, e, lançando seus braços em tôrno do pescoço, furta-lhe, ou melhor, arranca-lhe beijos, o que faz sofrer cruelmente a honesta donzela. Finalmente, após uma nova consulta, nosso Teólogo ordena à jovem levar com ela pequenas bolas compostas de perfumes delicados, tais como almíscar, âmbar, bálsamo do Peru e outros. Assim munida, vai a jovem passear no jardim ou no campo e lhe aparece o íncubo, furioso e ameaçador; todavia não ousa se aproximar, e após morder o dedo como se meditasse uma vingança, desaparece para não mais voltar.

72. Eis a outra história: no Convento da Grande Cartuxa de Pávia vivia um Diácono de nome Agostinho, o qual estava exposto, por parte de certo demônio, a vexações excessivas, singulares e quase inacreditáveis; vários exorcistas haviam tentado em vão libertá-lo: todos os remédios espirituais foram usados sem resultado. O Vigário do convento, que tinha o encargo espiritual dêste pobre clérigo, veio consultar-me. Eu, vendo a ineficácia dos exorcismos comuns, e recorrendo ao exemplo acima narrado, aconselhei uma fumegação de perfumes semelhantes àqueles adotados, e ordenei ao diácono de levar consigo bolas odoríficas da mesma natureza; além do mais, como tinha o uso do tabaco e como gostava da aguardente, recomendei-lhe o tabaco e a aguardente almiscarada. O demônio lhe aparecia de formas diferentes: esqueleto, porco, anão, Anjo, pássaro; ou emprestava as vestes de algum Religioso do convento; uma vez foi seu próprio Abade ou Prior que o exortou a purificar sua consciência, a se confiar a Deus, a usar freqüentemente a confissão; persuade-lhe de fazer sua confissão sacramental, recita com êle os salmos *Exsurgat Deus* e *Qui habitat*, e o Evangelho de São João: às palavras *Verbum caro factum est* êle dobrou o joelho, depois pegando uma estola que estava na cela e o hissope de água benta, benzeu a cela e o leito, e como se fôsse realmente o Prior, ordenou ao demônio que não mais ousasse voltar a atormentar seu subordinado: após o

que desapareceu, traindo assim o que era, pois de outro modo o jovem diácono o tomaria por seu verdadeiro Prior. Não obstante as fumegações e os perfumes que havia aconselhado, o demônio não diminue suas obsessões; fêz mais, vestiu as vestes de sua vítima para se apresentar ao Vigário, a quem pede aguardente e tabaco almiscarado, coisas que amava, dizia êle, apaixonadamente. Tendo obtido uma coisa e outra desapareceu com um aceno de ôlho, mostrando assim ao Vigário que havia sido joguête do Demônio: e isto foi amplamente confirmado pelo Diácono, que afirmava sob juramento não ter ido nesse dia à cela do Vigário. Do que me foi contado conclui que, longe de ser aquoso, como o íncubo amoroso da jovem sôbre a qual se falou antes, êste demônio era ígneo ou pelo menos aéreo, pois que se delei-



"Punição de um monge" Giotto

tava com substâncias quentes, como vapôres, perfumes, tabaco e aguardente. O temperamento do jovem diácono, bilioso e sangüíneo, prevalecendo o bilioso, fortaleceu minhas conjeturas, pois êstes demônios nunca atacam aquêles cujo temperamento não coincide com o seu: outra prova da veracidade de minha opinião sôbre sua corporeidade. Recomendei em conseqüência ao Vigário propor ao penitente pegar ervas frias iguais à sua natureza, tais como nenúfar, hepática, eufórbio, mandrágora, saião, tanchagem, meimendro negro, e outras semelhantes, para compor dois feixes, colocando um na janela, outro na porta da cela, tendo o cuidado igualmente de juncar seu quarto e seu leito. Coisa prodigiosa! o Demônio apareceu ainda assim, mas permanecendo fora

da cela, sem querer entrar; e como o diácono lhe perguntasse a causa desta reserva inusitada, em tôdas as respostas referia-se a mim com injúrias por ter aconselhado êstes meios de defesa, tendo desaparecido em seguida e nunca mais voltado.

73. Estas duas histórias estabelecem claramente os meios de fuga dos Demônios pela única virtude das ervas e dos perfumes, conforme o caso, sem nenhuma intervenção de fôrça sobrenatural; pois os Íncubos estão sujeitos a ser afetados por certas espécies materiais; portanto participam da matéria destas mesmas coisas naturais que têm o poder de os pôr em fuga, e conseqüentemente têm um corpo, o que pretendemos demonstrar.

74. Mas, para melhor estabelecer nossa conclusão, convém assinalar o êrro em que caem certos doutôres, como Valesius e Cornelius de Lapide, quando pretendem que Sara foi libertada do Íncubo pela virtude do Anjo Rafael, e não pela do fígado dêsse peixe calionimo que Tobias havia pescado nas margens do Tigre. Com efeito, salvo o respeito devido a tão grandes doutôres, uma tal interpretação é evidentemente contrária ao sentido preciso do Texto, do qual não é permitido se desviar desde que não conduza ao absurdo. Ora, eis as palavras do Anjo a Tobias: *"Se lanças sôbre as brasas uma parcela de seu fígado, a fumaça faz escapar tôda espécie de Demônios, e o possesso, homem ou mulher, ficará livre para sempre; quanto a seu fel, é soberano para a cura de olhos atingidos pela albugem."* (Tobias, c. 6, v. 8 e 9.) Notai, vos peço, que esta afirmação do Anjo com respeito à vontade do coração ou do fígado e do fel dêsse peixe, é absoluta, universal; pois êle não diz: *"Se lanças sôbre as brasas parcela de seu fígado, farás fugir tôda espécie de Demônios, e se aplicas seu fel sôbre os olhos atingidos pela albugem, ficarão curados."* Se tivesse dito isto, admitiria com os comentadores que Rafael realizou, por sua própria virtude sobrenatural, os efeitos que a simples aplicação da fumaça e do fel seria incapaz de produzir: mas êle não fala assim, diz ao contrário, e de maneira absoluta, que a virtude é da fumaça e do fel.

75. Se perguntará se o Anjo disse a pura verdade sôbre a virtude das coisas, ou se pretendeu mentir; e paralelamente, se a albugem foi tirada dos olhos do velho Tobias por efeito do fel do peixe ou pela virtude sobrenatural do Anjo Rafael? Dizer que o Anjo pretendeu mentir seria blasfêmia e heresia, portanto exprimiu a verdade pura; mas esta não seria aquela verdade se tôda espécie de demônios não fôsse expulsada pela fumaça do fígado do peixe sem a intervenção da fôrça sobrenatural do Anjo, e sobretudo se aquela intervenção fôsse a causa principal do efeito produzido. O médico que disser: tal erva curou radicalmente a pleurisia e a epilepsia, mentiria sem dúvida se essa erva não curasse senão de maneira incoativa e se, para obter a perfeita cura, juntasse uma outra erva à primeira; assim também Rafael teria mentido ao afirmar que a fumaça do fígado expulsou tôda sorte de demônios, sem que possam voltar, e se êste resultado foi obtido pela fumaça de maneira incoativa sòmente, e principalmente, pela virtude do Anjo apenas. Além disso, o ato de expulsão do demônio devia se produzir universalmente e pelo único fato da colocação por não importa quem do fígado de peixe sôbre brasas ardentes: ou não devia se produzir senão no único caso particular, a saber, da colocação do fígado pelo jovem Tobias. Admitindo-se a primeira hipótese, deve-se supor que tôda pessoa que deseje fazer aquela fumaça ao queimar o fígado, será assistida por um Anjo para expulsar o Demônio, por sua virtude sobrenatural, milagrosamente e regularmente ao mesmo tempo: o que é absurdo, pois, ou as palavras não têm mais sentido, ou um fato natural não poderia ser regularmente seguido de milagre; e se o Demônio não foi expulso sem a ajuda do Anjo, Rafael terá mentido ao afirmar que o fígado possuía aquela virtude. Se ao contrário o efeito em questão devia se produzir só neste caso particular, Rafael teria ainda mentido ao atribuir a êsse peixe, de uma maneira geral e absoluta, a propriedade de expulsar o Demônio: ou, que o Anjo tenha mentido, isso não se poderá dizer.

76. Passemos agora ao velho Tobias: a albugem foi retirada de seus olhos e sua cegueira curada pela vir-

tude natural do fel dêsse mesmo peixe, como afirmam os Doutôres. Com efeito o peixe colionimo, chamado em italiano *bocca in capo*, e do qual se serviu Tobias, possui um fel muito renomado para a cura da albugem, e nisso todo mundo está de acôrdo, Dioscórida, Galiano, Plínio, Aclanius, Valesius, etc. O texto grego de Tobias, c. 11, v. 13, traz o que se segue: "Êle espalhou o fel sôbre os olhos de seu pai dizendo: Tende confiança, meu pai; e como havia erosão, esfregou os olhos e retirou o albugem por etapas pelos ângulos das pálpebras." Ora, pois que, segundo o mesmo texto, se o Anjo revelou a Tobias a virtude do fígado e do fel do peixe, e que o fel, por sua virtude natural, curou a cegueira do velho Tobias, deve-se concluir que é igualmente por sua fôrça natural que a fumaça do fígado pôs em fuga o Íncubo. E isto é confirmado de maneira concludente pelo texto grego, que, em Tobias, c. 8, v. 2, no lugar desta lição da Vulgata diz: "Êle lança brasas ardentes," e segue em todo o curso: "e pegou cinza ou brasa perfumadas, pôs o coração e o fígado do peixe, e fêz fumaça: o Demônio, assim que sentiu o odor, escapou." Quanto ao texto hebraico, diz: "Asmodeu sentiu o odor e fugiu." De todos êstes textos o que resulta é que o Demônio se salvou por ter sentido uma fumaça que lhe era contrária e prejudicial, e não pelo efeito da virtude sobrenatural do Anjo. Se, na liberação de Sara das perseguições do Íncubo Asmodeu, a operação da fumaça do fígado foi seguida de uma intervenção de Rafael, foi para subjugar o Demônio no deserto do alto Egito, como está dito em Tobias, c. 8, v. 3; pois, a uma tão grande distância a fumaça do fígado não podia agir sôbre o Demônio, nem o subjugar. E aqui, temos um meio de conciliar nossa opinião com a dos doutôres citados acima, os quais atribuem a liberação perfeita de Sara à operação de Rafael: com efeito, para êsses doutôres, Sara não foi completamente curada senão depois que o Demônio ficasse subjugado no deserto, o que foi obra do Anjo, e nós o concedemos; mas a liberação pròpriamente dita, a expulsão do quarto de dormir de Sara, foi, nós o mantemos, o efeito direto da virtude nativa do fígado do peixe.

77. Uma terceira prova principal de nossa conclusão no tocante à existência de animais sôbre os quais tratamos, em outros têrmos, no tocante à corporeidade dos Íncubos, êste é o testemunho de S. Jerônimo na Vida de S. Paulo, o primeiro eremita. Santo Antônio, narra êsse doutor, pôs-se um dia a caminho para ver S. Paulo. Após vários dias de viagem, encontra um Centauro, ao qual pergunta pela morada do eremita: ao que o Centauro, balbuciando algumas palavras tôscas apenas intelegíveis, indica-lhe com a mão a direção da ermitagem e correu a galope esconder-se na floresta. O santo Abade continua seu caminho: nôvo encontro, desta vez com um homem pequeno, quase um anão, com as mãos retorcidas, a fronte eriçada de cornos, e cuja extremidade terminava com pés de cabra. A esta vista, S. Antônio se detém e, temendo os artifícios do diabo, faz o sinal da Santa Cruz. Mas, longe de fugir a êste sinal, longe mesmo de parecer assustado, o pequeno homem aproxima-se respeitosamente do velho santo e lhe oferece frutos de palmeira, como para demonstrar suas intenções pacíficas. Então o bem-aventurado Antônio perguntou-lhe quem era: "Sou um mortal," respondeu êle, "e um dos habitantes do Deserto, que a Gentilidade, em seu êrro caprichoso, honra com os diferentes nomes de Faunos, de Sátiros, de Íncubos; fui enviado em missão por meu rebanho; nós vimos te pedir para rezar por nós ao Deus comum, que nós sabemos ter descido para a salvação do mundo e a quem os louvores ressoaram em tôda a terra."A estas palavras, a esta glorificação do Cristo, S. Antônio, transportado de alegria, volta para a Alexandria, e, batendo na terra com seu bastão, grita: "Desgraça a ti, Cidade prostituída, que adoras animais como a deuses!" Tal é a narrativa de S. Jerônimo, que se estende longamente sôbre êste fato e o desenvolve em todos os detalhes.

78. Duvidar da veracidade dessa história, quando é afirmada pelo maior dos Doutôres da Igreja, por S. Jerônimo, a quem nenhum católico contestará jamais autoridade, seria, seguramente, coisa temerária. Examinemos portanto as circunstâncias e vejamos em que ponto confirmam nossa opinião.

79. Primeiro, é preciso notar que, se jamais um santo estêve exposto aos artifícios do Demônio, penetra no entanto em sua arte infernal e consegue sôbre êle vitórias e troféus, e certamente isto aconteceu com S. Antônio, como o constata sua vida, escrita por S. Atanásio. Ora, S. Antônio não reconheceu um diabo neste homem pequeno, mas um animal, dizendo: "Desgraça a ti, Cidade prostituída, que adoras animais como a deuses!", de onde se conclui que não era absolutamente um diabo ou puro espírito, expulso do céu e réprobo, mas um animal qualquer. Há mais: S. Antônio, instruindo seus monges e colocando-os em guarda contra as artimanhas do Demônio, dizia-lhes, como narra o Breviário Romano (festa de S. Antônio, Abade): "Crêde-me, meus irmãos, o que Satã teme nos homens piedosos, são as vigílias, as orações, os jejuns, a pobreza voluntária, a misericórdia, a humildade: e acima de tudo, o ardente amor a Cristo Nosso Senhor, pois que, para o pôr em fuga, é suficiente o sinal da Santa Cruz." Ora, o pequeno homem em questão, embora S. Antônio acreditasse dever se precaver contra êle com o sinal da Cruz, não demonstrou nenhum temor, nem pretendeu absolutamente fugir; bem ao contrário, aproximou-se do santo com um ar confiante e respeitoso, ofereceu-lhe tâmaras: prova cabal que não era um diabo.

80. Segundo, é preciso notar que o pequeno homem disse: "Eu também sou mortal", o que resulta que era um animal sujeito à morte, e que tinha recebido o ser por geração; com efeito, um espírito imaterial é imortal porque é simples, e conseqüentemente não recebe o ser por geração de uma maneira preexistente, mas por criação; conseqüentemente ainda, não perde o ser por corrupção, ou por outra, pela morte; e não deixaria de existir senão por aniquilação. Portanto, dizendo-se mortal, declarou ser um animal.

81. Terceira observação: Disse saber que o Deus comum sofreu na carne do homem. Estas palavras provam que era um animal racional. Com efeito, os irracionais nada conhecem além do sensível e do presente, não podendo ter, conseqüentemente, o conhecimento de Deus.

Se, como disse aquêle pequeno homem, que êle e seus semelhantes sabiam que Deus havia sofrido na carne humana, isto prova que, graças a alguma revelação, êle teve conhecimento de Deus, da mesma maneira como nós temos em nós a fé revelada; e esta noção de que Deus se revestiu da carne humana e sofreu, constitui os dois principais artigos de nossa Fé: em primeiro lugar, a existência de Deus uno e tríplice depois de sua Encarnação, sua Paixão e sua Ressurreição. Isso tudo demonstra, como disse, que era um animal racional, capaz do conhecimento divino por meio da revelação, tal como nós dotado de uma alma racional e, por conseguinte, imortal.

82. Quarta observação: Em nome de todo seu rebanho, do qual se declara enviado, pede a S. Antônio para orar por êles ao Deus comum. De onde deduzo que êsse pequeno homem era capaz de beatitude e de condenação eterna, e que não estava *in termino*, mas *in via*; com efeito, desde o momento que êle é um animal racional e, conseqüentemente, dotado de uma alma imortal, como foi provado acima, a lógica pretende igualmente que seja capaz de beatitude e de condenação eterna: é isto, efetivamente, próprio da criatura racional, anjo ou homem. Da mesma maneira deduzo que estava no caminho, *in via*, isto é, capaz de mérito e de demérito; pois, se estivesse no fim, *in termino*, seria ou bem-aventurado ou réprobo. Ora, não podia ser nem uma coisa nem outra; pois as orações de S. Antônio, às quais se havia recomendado, não teriam algum benefício se estivesse definitivamente em desgraça; e se fôsse bem-aventurado, não teria necessidade. Já que se recomendou às orações é porque lhe poderiam servir, e estava, em conseqüência, no caminho da salvação, *in statu viae et meriti.*

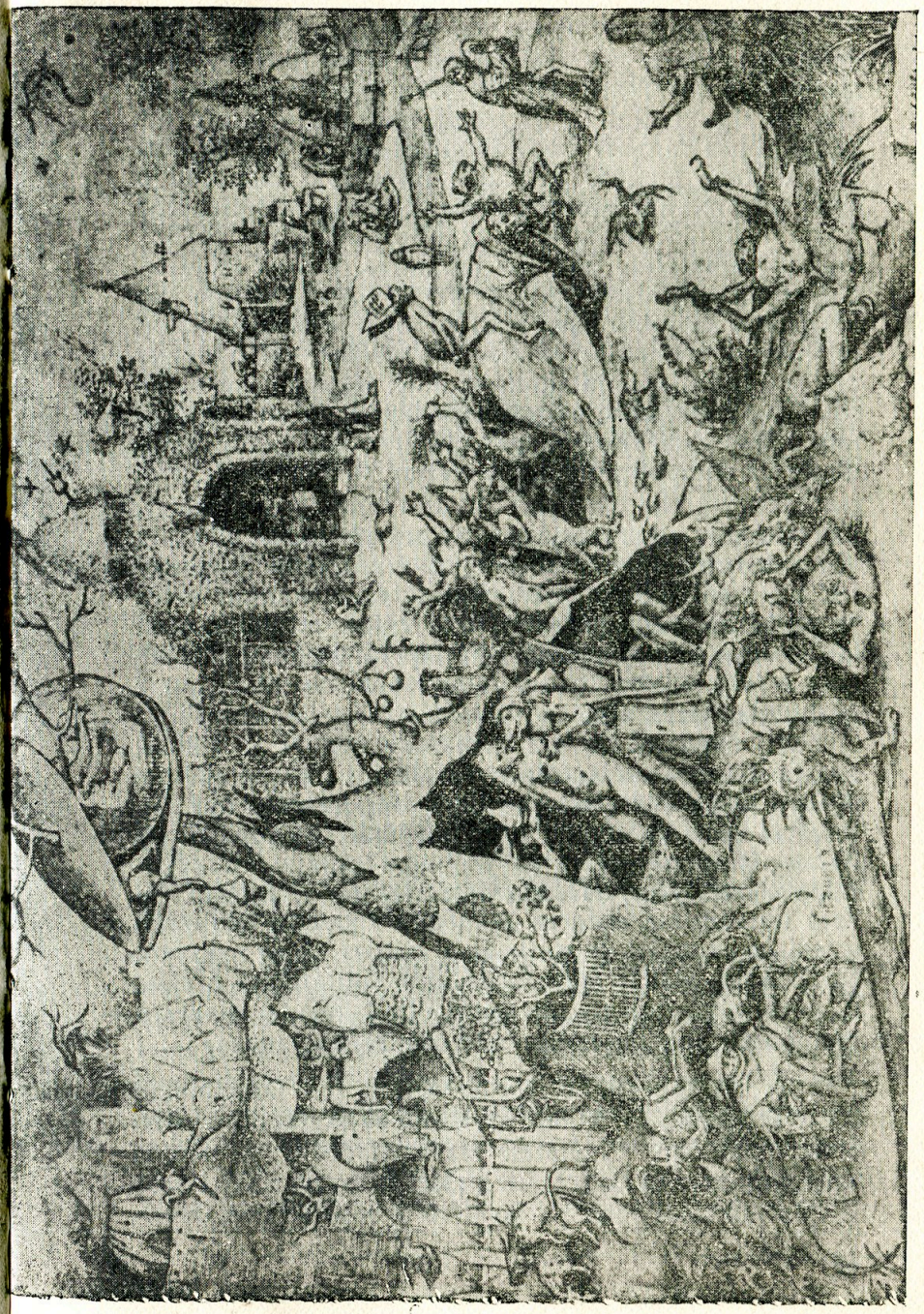
83. Quinta observação: O pequeno homem ao dizer: "Fui enviado em missão por meu rebanho", se declara delegado de outras criaturas de sua espécie. De onde podemos tirar diversas conseqüências: primeiro, que êste pequeno homem não estava só, isto é, não era um monstro excepcional e raro, mas que existiam diversos da mesma espécie, pois que, reunidos em grupo,

formavam um rebanho, em nome do qual êle se apresentava: isto não seria verdade se um grande número de voluntários não houvesse concorrido para o delegar. Em seguida, que êstes animais viviam em sociedade, pois que enviaram um dentre êles para os representar a todos. Finalmente, que, habitando todos o Deserto, não estavam todavia fixados em um lugar permanente: de fato, se S. Antônio não tivesse tido até então oportunidade de visitar aquela solitude, que ficava tão distante de sua ermitagem, êles não poderiam ter sabido quem era o santo, nem a que grau de santidade havia chegado; era necessário que o conhecessem de outra parte, e, conseqüentemente, que tivessem viajado para fora dêste deserto.

84. Última observação: O pequeno homem disse ser um daqueles que os Gentios, por excesso de um êrro cego, chamavam Faunos, Sátiros e Íncubos; o que prova bem a veracidade de nossa tese principal, a saber: que os Íncubos são animais racionais, capazes de beatitude e de danação.

85. A aparição de pequenos homens desta espécie é freqüente nas minas metálicas, como ensina Gregorius Agricola, em seu livro *De Animal. Subterran.* Deixam-se ver pelos mineiros, vestidos com as vestes dêstes: jogam e brincam em grupo, riem, gracejam, jogando nos mineiros pequenas pedras como divertimento; e é um bom sinal, diz o autor citado: acredita-se descobrir algum ramo ou mesmo um tronco de árvore mineral.

86. Pedro Thyraeus, de Neuss, em seu livro *De Terrification. Nocturn.*, nega a existência dêsses pequenos homens, apoiando-se em argumentos que se achará sem dúvida alguma pueris. Admitindo-se, diz êle, pequenos homens desta espécie, em que lugar vivem e onde se alojam? De que maneira se perpetua sua espécie, por geração ou de outro modo? Nascem, morrem, usam alimento para se manterem vivos? Estão sujeitos à beatitude e à danação? Por que meios obtêm a salvação? Tais são os argumentos que permitem a Thyraeus negar essa existência.



"A Luxúria" Bruegel

87. Mas, se afirmará, ser prova de pouco senso ousar-se negar o que escreveram autores graves e dignos de fé, o que atesta além do que a experiência de cada dia. Os argumentos de Thyraeus não têm o menor alcance, e nós os resolvemos de antemão, nº 45 e seguintes. A única questão à qual é necessário satisfazer é esta: onde moram êstes pequenos homens, êstes Íncubos? A isto respondo: tal como foi exposto mais acima (nº 71) segundo Guaccius, uns são terrestres, outros aquosos, outros aéreos, outros ígneos, isto é, alguns corpos são compostos da parte mais sutil de um dos elementos, ou se diversos elementos se acham reunidos, há portanto um que domina, ou a água, ou o ar, segundo sua natureza. Suas moradas, conseqüentemente, se encontrarão nas dêsses elementos, a que entrar como parte dominante na composição de seus corpos; os Íncubos ígneos, por exemplo, não residirão voluntàriamente, ou melhor, não residirão jamais na água ou nos pântanos, que lhes são contrários, e os Íncubos aquosos não poderão se elevar até a parte superior do éter, sendo esta região muito sutil para a sua natureza. Isto mesmo se observa nos homens que, acostumados com um ar espêsso, não podem residir sôbre certos cumes dos Alpes onde o ar é muito fino para êles.

88. Molina, em seu *Comentário sôbre S. Tomás*, reuniu diversos testemunhos dos Santos Padres, que poderiam nos servir para provar a corporeidade dos Demônios; mas, de acôrdo com a decisão do Concílio de Latrão, lembrado acima (nº 37), com respeito à incorporeidade dos Anjos, devemos entender que os Santos Padres tiveram em vista os Demônios Íncubos, que estão ainda no caminho da salvação, e não os Anjos réprobos. Entretanto, sem ir mais longe, nos limitaremos a citar S. Agostinho, êste grande Doutor da Igreja, e se verá a que ponto sua doutrina concorda com a nossa.

89. S. Agostinho portanto, em seu Comentário sôbre a Gênese, liv. 2, cap. 17, assim se exprime a respeito do Demônio: "Conhecem certas verdades, ou porque seus sentidos são mais vivos e mais sutis, ou porque seus corpos são mais sutis", e no livro 3, cap. 1º: "os Demônios são animais aéreos porque participam da natureza dos corpos aéreos". Em sua Epístola 115 aos Hebridas, afirma que são "animais aéreos, ou etéreos, dotados de um sentido muito delicado". Em a *Cidade de Deus*, livro 11, cap. 23, diz que "o pior Demônio tem um corpo aéreo". No livro 21, cap. 10, escreveu: "Certos Demônios têm mesmo corpos compostos, como acreditaram alguns filósofos, do ar espêsso e úmido que respiramos." No livro 15, cap. 23: "não se ousa definir se os Anjos, dotados de um corpo aéreo, poderiam sentir esta paixão sensual que os impeliria a se unirem às mulheres". Em seu comentário ao Salmo 85, diz que "os corpos dos bem-aventurados serão, após a ressurreição, semelhantes aos corpos dos Anjos"; ao Salmo 14, observa que "o corpo dos Anjos é inferior à alma". Finalmente, em seu livro sôbre a *Adivinhação dos Demônios*, principalmente no cap. 23, ensina que "os Demônios têm corpos sutis".

90. Nossa doutrina pode igualmente apoiar-se nos exemplos das Santas Escrituras, embora diversa possa ser a interpretação que lhes dão os comentadores. Temos de início o Salmo 77, v. 24 e 25, onde está dito que: "o homem comeu o pão dos Anjos, foi-lhe dado o pão do céu". David fala aqui do maná, com o qual o povo de Israel se alimentou durante o tempo em que errou pelo deserto. Ora, se perguntará em que sentido pode-se dizer que o maná é o pão dos Anjos. A maioria dos Doutôres, não o ignoro, interpreta esta passagem dentro de um sentido místico, dizendo que o maná configura a Santa Eucaristia, chamada também de o *Pão dos Anjos*, porque os Anjos desfrutam da visão de Deus, que se acha por concomitância na Eucaristia.

91. Esta interpretação é seguramente admissível, e é a adotada pela Igreja no ofício do *Santo Corpo de Jesus Cristo*, mas num sentido espiritual. Ora, o que procuro é o sentido literal, pois, neste salmo, David não fala em profecia de coisas futuras, como fêz em outras passagens em que é difícil encontrar um sentido literal; fala aqui como historiador de coisas passadas. Êste salmo, com efeito, para quem quer que o leia, é uma pura anacefaleoso, ou seja, uma recapitulação de todos os bene-

fícios conferidos por Deus ao povo Hebreu desde sua partida do Egito até ao tempo de David, e falou então do Maná do Deserto, chamando-o Pão dos Anjos: porque e em que sentido, esta é a questão.

92. Outros doutôres, o sei também, vêem no *Pão dos Anjos* um pão preparado pelos Anjos, ou enviado do Céu pelo ministério dos Anjos. O cardeal Hugo explica essa qualificação, ao dizer que êsse alimento produzia entre os Judeus o efeito que o alimento dos Anjos produz para êstes últimos. Os Anjos, efetivamente, não estão sujeitos a nenhuma enfermidade; e por outro lado, os comentadores Hebreus, mesmo José, afirmam que durante todo o tempo em que os Judeus permaneceram no Deserto, alimentando-se do maná, não conheceram nem velhice, nem doença, nem fadiga; aquêle maná era portanto semelhante ao pão com o qual se alimentavam os Anjos, que não envelhecem e nem estão sujeitos a nenhuma fadiga ou doença.

93. Estas interpretações, seguramente, merecem ser acolhidas com o respeito devido à autoridade de tão grandes Doutôres. Existe todavia uma dificuldade: é que, independentemente do maná, o ministério dos Anjos igualmente proporcionou aos Hebreus a coluna de nuvem e de fogo, as codornizes, a água da rocha, e o que a Escritura não diz: o amparo dos Anjos, a água ou a bebida dos Anjos. Porque pois chamar o maná de o *Pão dos Anjos*, por que foi preparado por seu ministro, e não chamar *Bebida dos Anjos* aquela água que era tirada da rocha também por seu ministério? Além do que, na Santa Escritura, quando é dito o pão que é *o pão de qualquer um*, é sempre o pão daquele que se alimentou, não do que o prepara ou fabrica. Os exemplos são infinitos: assim, no Êxodo, cap. 23, v. 25:" A fim de que eu abençoe teu pão e tua água; "no livro 2 dos Reis, cap. 12, v. 3:" Comamos de seu pão; "em Tobias, cap. 4, v. 17:" Come teu pão com os pobres," e v. 18: "Coloca teu pão sôbre a sepultura do justo;" no Eclesiaste, cap. 11, v. 1: "coloca teu pão sôbre as águas que passam;" em Isaias, cap. 58, v. 7: "Reparte teu pão com aquêles que têm fome;" em Jeremias, cap. 11, v. 19: "Coloquemos a lenha

no seu pão;" em S. Mateus, cap. 15, v. 26: "não é justo tirar o pão das crianças;" em S. Lucas, cap. 11 v. 3: "Nosso pão cotidiano." Tôdas estas passagens demonstram abundantemente que o pão de qualquer um, na linguagem das Escrituras, é o pão daquele que dêle se alimenta, e não de quem o faz, o leva ou o prepara. É portanto muito natural, na passagem do salmo que citamos, entender por *Pão dos Anjos,* o alimento do qual se servem não os Anjos incorpóreos (pois que êstes não têm necessidade de alimento material), mas os *Anjos corpóreos,* isto é, êstes animais racionais dos quais tratamos aqui, que vivem no ar, e que, pela sutileza de seus corpos e sua qualidade de sêres racionais, muito se aproximam dos Anjos imateriais, e para os quais a mesma denominação lhes é aplicada.

94. Deduzo: sendo animais, isto é, reproduzindo-se por geração e sujeitos a corrupção, têm necessidade de alimento para restaurar sua substância corporal, cujo desperdício se processa por eflúvios: a vida de todo ser sensível não consiste, com efeito, senão no vaivém dos elementos corporais que afluem e refluem, se adquirem, se perdem e se restauram, por meio de substâncias espiritualizadas, materiais portanto, que o ser vivente assimila seja pela respiração do ar, seja pela fermentação do alimento, que espiritualiza sua substância, como ensina o douto Ettmuller (*Instit. Médic. Fisiolog.*, cap. 2).

95. Ora, como seu corpo é sutil, o alimento que lhe convém deve ser igualmente delicado e sutil. Também, assim como os perfumes e outras substâncias vaporosas e voláteis, quando são contrárias à sua natureza os confundem e os põem em fuga, confirma o que narramos acima (nº 71 e 72), da mesma maneira, quando sua natureza coincide, deleitam-se com estas substâncias ou outras parecidas e fazem delas seu alimento. Ora, "o maná não é outra coisa, "como escreveu Cornelius," que uma emanação de água e de terra purificada em cozedura pelo calor do sol, depois coagulada e condensada pelo frescor da noite": falo, bem entendido, do maná enviado do céu para alimento dos Hebreus, o qual difere em tudo do maná comum ou medicinal: êste com efeito, se-

gundo Ettmuller (Dilucid. Physiol., cap. 1), "não é outra coisa senão o suco ou a transudação de certas árvores que se confunde à noite com o róseo e, chegado o amanhecer, coagula e se condensa com o calor do sol." O maná dos Hebreus, ao contrário, formado por princípios diferentes, longe de coagular, liquefazia-se ao calor do sol, como o atesta a Escritura, *Êxodo,* cap. 16, v. 22. Aquêle maná dos Hebreus, era pois uma substância extraordinàriamente sutil, pois era composta de emanações da terra e da água, e que o sol fazia dissolver e desaparecer; admite-se pois perfeitamente que seja o alimento dos animais em questão, e que também David a tenha chamado com razão de *Pão dos Anjos.*

96. Temos além do mais, em apoio à nossa tese, o Evangelho de S. João, cap. 10, v. 16, onde diz: "Tenho ainda outras ovelhas que não são dêste aprisco: é necessário também que as conduza, e elas entenderão minha voz, e não haverá mais que um rebanho e um só pastor." Se perguntarmos quais são essas ovelhas que não são dêste aprisco, e qual é êste aprisco do qual fala o Senhor Cristo, todos os Comentadores nos respondem que o único aprisco do Cristo é a Igreja para a qual a predicação do Evangelho devia conduzir os Gentios, que eram de um outro aprisco, ou seja, dos Hebreus. Para êles, com efeito, o aprisco do Cristo era a Sinagoga, principalmente porque David havia dito, Salmo 94, v. 7: "Nós somos seu povo e suas ovelhas que êle alimenta em suas pastagens"; depois, porque a promessa foi feita a Abrahão e a David que o Messias sairia de sua raça, porque era esperado pelo povo Hebreu, anunciado pelos Profetas que eram Hebreus, e que sua exaltação, seus atos, sua paixão, sua morte e sua ressurreição eram como prefigurações antecipadas nos sacrifícios, no culto e nas cerimônias da lei dos Hebreus.

97. Mas, salvo o respeito devido aos Santos Padres e aos outros Doutôres, essa explicação não é de tudo satisfatória. É da fé com efeito que a Igreja dos Fiéis estêve unida e existiu desde o comêço do mundo, e que durará também até o fim dos séculos. O chefe desta Igreja é Jesus Cristo, mediador entre Deus e os homens, criador

e autor de tôdas as coisas. A fé na Trindade divina (ainda que menos explícita) e a encarnação do Verbo foram reveladas ao primeiro homem, o qual instruiu seus filhos, e êstes por sua vez a seus descendentes. Também, se bem que grande maioria dos homens se deixasse extraviar na idolatria e desertasse da verdadeira fé, muitos, entretanto, guardaram esta fé que lhes veio de seus pais, e, observando a lei natural, permaneceram na verdadeira Igreja dos Fiéis. Esta é a observação que fêz o Cardeal Tolet, a propósito de Job, que foi um santo no meio dos Gentios idólatras. E ainda que Deus tenha conferido favores especiais ao povo Hebreu, que tenha estabelecido para êles uma lei e cerimônias especiais, e que os tenha separado dos Gentios, essa lei não era todavia obrigatória para os Gentios, e os Hebreus fiéis não constituíam uma Igreja diferente da Igreja dos Gentios, que professavam a fé em um único Deus e na vinda do Messias.

98. Se observará, além de que, mesmo entre os Gentios, os que profetizaram a vinda do Cristo e os outros dogmas da fé Cristã, é o que atestam Balaão, Mercúrio Trismgisto, Hidáspio, e as Sibilas, das quais fala Lactâncio, *livro 1, cap. 6;* ver também Baronius, *Apparat. Annal.,* nº 18. Que o Messias era esperado pelos Gentios, nós temos prova nas diversas passagens de Isaias, e sobretudo na Profecia do Patriarca Jacob, acêrca do Messias, assim concebida, Gênese, c. 49, v. 10: "O espectro não sairá de Judá, nem o príncipe de sua posteridade, até que venha aquêle que deve ser enviado; e será o que é esperado das nações." O mesmo na profecia de Aggeo, c. 2, v. 8: "Abalarei tôdas as Nações e o desejado de tôdas as nações virá", o que Cornelius de Lapide comenta nestes têrmos: "Os Gentios anteriores à vinda do Cristo, que acreditavam em Deus e observavam a lei da natureza, esperavam e desejavam o Cristo tanto quanto os Judeus." O Cristo mesmo fêz-se anunciar e manifestar tanto aos Gentios como aos Judeus; pois ao mesmo tempo em que o Anjo deu aos pastôres a nova de sua natividade, por meio da estrêla milagrosa, convidou aos Magos para adorá-lo os quais sendo Gentios, foram os primeiros dentre as Nações, como os pastôres o foram entre os Ju-

deus, a reconhecer e adorar o Cristo (vêde S. Fulgência, *Sermão sôbre a Epifania*). Do mesmo modo, foram os Gentios que, antes dos Judeus, souberam da vinda do Cristo pela predicação (não digo pela predicação dos Apóstolos). Com efeito, como escreveu a Venerável Madre Irmã Maria de Agreda, em sua *Vida de Jesus Cristo e da Bem-aventurada Virgem Maria*: "Quando a Bem-aventurada Virgem Maria, fugindo com S. José à perseguição de Herodes, traz para o Egito o Menino Jesus, ali permanece sete anos; e durante êsse tempo, a Bem-aventurada Virgem prega aos Egípcios a fé no Deus verdadeiro e a vinda do Filho de Deus como ser humano." Por outra, quando da natividade do Cristo, aconteceram numerosos prodígios, não sòmente na Judéia, como no Egito, onde os ídolos se abalaram e os oráculos se mataram; em Roma, onde brotava uma fonte de óleo, viu-se um globo da côr de ouro descer do céu sôbre a terra, e três sóis apareceram, e um círculo extraordinário de nuanças variadas como o arco-íris envolveu o disco do sol; na Grécia, o oráculo de Delfos ficou mudo; a respeito do que Apolo, interrogado pelo imperador Augusto, que lhe rendia sacrifícios em seu próprio palácio, onde lhe havia erguido um altar, respondeu:

"Um menino Hebreu, que comanda os Deuses e êle próprio é Deus.

Me ordena abandonar meu assento e retornar aos Infernos;

Nossos altares estão mudos agora, é preciso te afastar."

Houve ainda muitos outros prodígios anunciando aos Gentios a vinda do Filho de Deus: encontraremos relatados em Baronius, *Apparat. Annal.* Eclis, e em Cornelius, Comentário sôbre Aggeo.

99. De tudo isto se evidencia que os Gentios também pertenciam, como os Judeus, ao rebanho do Cristo, isto é, à mesma Igreja dos fiéis. Por conseguinte, as palavras do Cristo: "Tenho outras ovelhas que não são dêste aprisco", deveriam entender os Gentios, que possuíam,

"O castigo dos sodomitas e dos adúlteros" (detalhe do "Inferno") Taddeo di Bartolo

em comum com os Hebreus, a fé em Deus, a esperança do Messias, as profecias, a expectativa, os prodígios e a predicação de sua chegada.

100. Digo portanto que por estas palavras: *outras ovelhas* podem-se compreender essas criaturas ou animais racionais a respeito dos quais temos tratado até aqui. Com efeito, estabelecemos que são capazes de beatitude e de danação; ora, sendo Jesus Cristo mediador entre Deus e os homens, como de tôda criatura racional (pois é pela aplicação dos méritos do Cristo que as criaturas racionais obtêm a beatitude, por meio da graça que lhes confere), resulta que tôda criatura racional deverá ter, ao mesmo tempo que a fé em um só Deus a esperança da vinda do Cristo, e a revelação de seu nascimento como homem e os preceitos da lei da graça. Aí estão pois as ovelhas que não sendo do rebanho humano competia-lhe conduzir; as ovelhas que deviam compreender sua voz, isto é, o aviso de sua vinda e da doutrina evangélica, seja diretamente dêle mesmo, seja por intermédio dos apóstolos; as ovelhas enfim que, unidas aos homens na beatitude celeste, deviam realizar a promessa de *um só rebanho e um só pastor.*

101. Esta interpretação, a meu ver racional, adquire nova fôrça a respeito do que nos reportamos, segundo S. Jerônimo, sôbre o pequeno homem que pede a S. Antônio para orar por êle e os seus, ao Deus comum, que sabia ter sofrido como ser humano. Isto implica, com efeito, que tinham conhecimento da vinda e da morte do Cristo, e que desejavam, em sua qualidade de Deus, se lhe tornarem favoráveis, e para cujo objetivo recorriam à intercessão de S. Antônio.

102. Um outro fato em apoio à minha conclusão é aquêle que menciona o cardeal Baronius (*Appar. Annal.*, nº 129), segundo Eusébio e Plutarco, como um dos prodígios que assinalaram a morte do Cristo. No tempo do Imperador Tibério, sob quem teve lugar a paixão de Cristo, navegadores iam da Grécia para a Itália e, chegando à noite com o tempo calmo, seu navio alcança a terra nas vizinhanças das ilhas Equinades.

Então uma grande voz, que foi entendida por todos, chamava por Tramnus. Era o pilôto: "Presente," respondeu êle; e a mesma voz replica: "Quando tiveres chegado perto de tal pântano, anunciarás que O GRANDE PAN ESTÁ MORTO." Tramnus obedeceu, e ao mesmo tempo um imenso clamor elevou-se como de uma multidão infinita explodindo em gemidos e lamentos. Quem eram êsses, pois, senão Demônios ou Anjos corpóreos, ou animais racionais que habitavam próximo a êsses pântanos, em razão, sem dúvida, de sua natureza aquosa, e que, ao aviso da morte do Grande Pan, se derramavam em lágrimas e em lamentações? Assim também, entre os Judeus que assistiam à morte de Cristo, houve um grande número que se retorcia batendo no peito (S. Lucas, c. 23, v. 48). De tôdas as deduções acima, resulta pois que existem Demônios dessa espécie, súcubos e íncubos, os quais são dotados de sentido, e sujeitos às paixões dos sentidos, como foi provado; que nascem por geração e morrem por corrupção; que são capazes de beatitude e de danação; que, em razão da sutilidade de seus corpos, são mais nobres que o homem, e que, se acontece de terem relação carnal com o homem ou com a mulher, cometem pecado análogo àquele que torna o homem culpado ao se unir com o bruto, que lhe é inferior. Também não é raro que êstes demônios, após terem mantido relações prolongadas com os homens, as mulheres ou jumentos, terminem por matar seu cúmplice, e isto se explica: estando sujeitos a pecar, devem também se arrepender, pois que estão no caminho da salvação, *in via;* ora, assim como o homem que peca hàbitualmente com um animal e recebe de seu confessor a injunção de destruir êsse animal a fim de suprimir a possibilidade de reincidência, da mesma maneira pode acontecer ao demônio arrepender-se de matar o homem ou o animal com quem tinha o hábito de pecar; e êste demônio, dando assim a morte a um homem, não pecará, assim como não peca o homem ao matar o animal: pois, observada a diferença essencial que separa o homem de um demônio desta espécie, o homem será para o demônio o que o animal é para o homem.

103. Sei que muitos de meus leitores, a maioria talvez, dirão de mim o que os Epícuros e bom número de Filósofos Estóicos diziam de S. Paulo (Atos dos Apóstolos, c. 17, v. 18): "parece que êle anuncia novas divindades", e tornarão ridícula minha doutrina. Mas não ficarão menos obrigados a destruir os argumentos precedentes, de dizer-nos o que são êsses Demônios Íncubos, vulgarmente chamados Travessos, que não têm mêdo nem dos exorcismos, nem dos objetos sagrados, nem da cruz de Cristo, e, finalmente, de explicar-nos os diversos efeitos e fenômenos relatados por nós na exposição desta doutrina.

104. Os argumentos deduzidos acima nos conduzem pois a uma solução do problema colocado nos nºs 30 e 34, a saber: de que maneira uma mulher pode ser fecundada por um Demônio Íncubo. Isto, com efeito, não pode provir de esperma emprestado ao homem, apesar da opinião comum que refutamos nos nºs 31 e 32; segue-se pois que é diretamente impregnada pelo esperma do Íncubo, o qual, sendo animal e capaz de engendrar, dispõe de um esperma que lhe é próprio. Assim se acha perfeitamente explicada a geração dos Gigantes, resultado da relação dos Filhos de Deus com as Filhas dos homens: pois, embora parecidos com o homem, êsses Gigantes eram de maior estatura; e embora engendrados por Demônios que lhes transmitiram sua fôrça, não os igualam portanto nem em vigor nem em poder. É exatamente o caso dos mulos, dos asnos ou dos muletons, que ocupam de algum modo o centro entre as espécies de animais dos quais são engendrados, sobrepondo-se à mais imperfeita, mas não igualando a mais perfeita; exemplo: o mulo, produto do asno e do jumento, que é superior ao primeiro, mas sem a perfeição do segundo.

105. Em apoio desta opinião, faremos observar que os animais engendrados da união de espécies diferentes deixam êles próprios de engendrar, pois são estéreis, como se observa entre os mulos. Ora, não lemos em nenhuma parte que os Gigantes tenham sido engendrados por outros Gigantes, mas que são nascidos

dos Filhos de Deus, isto é, dos Íncubos, e das Filhas dos homens: assim concebidos do esperma demoníaco misturado ao esperma humano, formando uma espécie mediana entre o Demônio e homem, não têm poder de engendrar.

106. Se objetará talvez que o esperma dos Demônios sendo por sua natureza necessàriamente muito fluido, não poderia misturar-se com o esperma humano, que é espêsso, e que, por conseguinte, não produziria nenhuma geração.

107. Eu respondo, de acôrdo com o que foi dito mais acima, nº 32: a virtude geradora consiste no espírito que está espalhado pelo operador com a matéria espumosa e viscosa; portanto o esperma do Demônio, por fluido que seja, sendo entretanto material, pode bem misturar-se com o espírito material do esperma humano, e produzir geração.

108. Replicarão que se a geração dos Gigantes saia realmente do esperma combinado dos Íncubos e das mulheres, nasceriam ainda hoje Gigantes; pois, não faltam mulheres que tenham relações com os Íncubos, como se vê nas Gestas de S. Bernardo e de Pedro de Alcântara, e outras histórias narradas por diversos autores.

109. Eu respondo, de acôrdo com o que foi dito acima, nº 81, segundo Guaccius: os Demônios a que se referem, uns são terrestres, outros aquosos, outros aéreos, outros ígneos, cada um residindo em seu próprio elemento. Ora, é um fato conhecido que os animais são maiores quando maior é o elemento onde habitam, e isto provam os peixes: muitos sem dúvida são pequenos, como acontece com os animais terrestres, mas assim como o elemento aquoso é maior que o elemento terrestre (o continente sendo sempre maior que o contido), da mesma maneira os peixes em tôda a sua espécie ultrapassam em tamanho a massa dos animais terrestres: isto é claro bastando ver as baleias, os atuns, os cachalotes e outros peixes cetáceos ou vivíparos, que prevalecem bastante sôbre não importa que animal terrestre.

Conseqüentemente, os Demônios aos quais nos referimos, sendo animais, como provamos, seu tamanho corporal será na proporção da grandeza do elemento em que habitarão conforme sua natureza. E como o ar prevalece sôbre a água, e o fogo sôbre o ar, segue-se que os Demônios etéreos e ígneos prevalecerão muito mais sôbre seus congêneres terrestres e aquosos, seja em grandeza corporal, seja em vigor. Se objetará talvez que os pássaros, habitantes do ar, que é maior que a água, são todavia, tomados em geral, menores que os peixes e os quadrúpedes; mas isto não prova nada, pois os pássaros, embora percorrendo o ar com seu vôo não deixam de pertencer à terra onde repousam; e também é preciso classificar certos peixes voadores, como a hirondela do mar, entre os animais aéreos, o que seria falso.

110. Agora, uma observação essencial, é que após o dilúvio o ar que envolve o nosso globo terrestre e aquoso tornou-se, em razão da umidade das águas, mais espêsso do que era antes do dilúvio; e como a umidade é o princípio da corrupção, é talvez por isso que a vida do homem não se prolonga por mais tempo, como nas idades pré-diluvianas. Essa espessura do ar é também a causa de os Demônios etéreos e ígneos, de uma corpulência mais forte que os outros, nao poderem permanecer nesse ar espêsso, e se descem algumas vêzes, é de maneira violenta, da mesma maneira com que os mergulhadores descem ao fundo do mar.

111. Ora, antes do dilúvio, quando o ar não era ainda também espêsso, os Demônios vinham sôbre a terra e tinham relações com as mulheres, procriando o tipo de Gigantes de uma estatura quase igual àquela dos Demônios seus pais. Mas no presente não é mais assim: os Demônios Íncubos, que abraçam as mulheres, são aquosos e de tamanho restrito; também os vemos aparecerem sob a forma de pequenos homens, e, pela razão de serem aquosos, são excessivamente lascivos. Luxúria e umidade são dois têrmos correspondentes: não é sem razão que os Poetas fizeram nascer a Vênus do mar, querendo indicar, como explicam os Mitólogos, que a luxúria tem sua origem na umidade. Portanto quando os Demônios, que são de pequena estatura, engravidam hoje as mulheres, êles fazem crianças de talhe comum e não gigantes. Aqui se coloca uma observação: quando êsses Íncubos se uniam carnalmente com as mulheres com seu próprio corpo, sem metaformose nem artifício, as mulheres não os viam, ou, se os viam, era como sombra quase incerta, apenas sensível: tal era o caso daquela senhora da qual falamos no nº 28, que recebia os beijos de um íncubo e do qual sentia apenas o contato. Quando, ao contrário, os galantes pretendem fazer-se visíveis às suas damas, *atque ipsis delectationem in congressu carnali afferre,* então se revestem de um invólucro visível, e seus corpos se tornam palpáveis. Por quê arte, isto é segrêdo dêles. Nossa filosofia, de pronto, é incapaz de descobrir. Tudo o que nós sabemos é que êsse invólucro ou êsse corpo não poderia consistir sòmente de ar concreto, pois que isto só se efetuaria por condensação, e conseqüentemente pelo frio; um corpo assim formado produziria a um toque o efeito de um gêlo; *et ita in coitu mulieres non delectaret,* e as faria sôbretudo sofrer, o que entretanto é o contrário que sucede.

112. Sendo portanto admitida a distinção dos Demônios espirituais que têm relação com as feiticeiras, resta-nos pesar a gravidade do crime em um e outro caso.

113. A relação entre Feiticeiras e Demônios, pelas circunstâncias que as acompanham: apostasia da Fé, culto do Diabo e tantas outras impiedades por nós enumeradas acima, nº 12 a 24, é o maior de todos os pecados que tenha sido dado ao homem cometer; e se se considera a enormidade dêste atentado contra a Religião, que pressupõe o coito com o Diabo, seguramente a Demonialidade é o maior de todos os crimes da carne como tal, e, abstraindo-se o pecado contra a Religião, a Demonialidade não é mais que simples polução. A razão, e uma razão muito convincente, é que o Diabo, que tem trato com as Feiticeiras, é um puro espírito, chegado ao fim e réprobo, como foi dito acima; conseqüentemente, se pratica atos imundos com as Feiticeiras, é

por meio de um corpo emprestado, ou que êle mesmo forma, segundo a opinião comum dos Teólogos. Ora, embora ponha em movimento êsse corpo, todavia não é vivente; de onde segue que o ser humano, macho ou fêmea, *coiens cum tali corpore,* comete o mesmo delito como se o fizesse com um corpo inanimado, um cadáver: o que seria população simples ou voluptuosidade, como já o demonstramos em outro lugar. É verdade, de resto, como observou Cajetan, que uma relação dessa natureza pode bem se revestir dos caracteres vergonhosos de outros crimes, conforme o corpo emprestado pelo Demônio e o órgão empregado: pois, se emprestou o corpo de uma parenta ou de uma religiosa, o crime seria efetivamente de incesto ou sacrilégio; e se praticou atos imundos sob a forma de um animal, ou *in vase proe postero,* seria Bestialidade ou Sodomia.

114. Quanto à relação com o Íncubo, em que não se encontra nenhum elemento, por flébil que seja, de ofensa à Religião, é difícil se ver porque tal delito seria mais grave que a Bestialidade e a Sodomia. Com efeito, se a Bestialidade é mais grave que a Sodomia, como dissemos acima, é que o homem aviltou a dignidade de sua espécie ao unir-se com o bruto, que é de uma espécie bem inferior à sua. Mas na relação com o Íncubo, é o contrário que sucede: pois o Íncubo, em razão de seu espírito racional e imortal, é igual ao homem; em razão de seu corpo mais nobre e mais sutil, é mais perfeito e mais digno de que o homem. Conseqüentemente, o homem que se uniu ao Íncubo não aviltou sua natureza, êle a dignificou sôbretudo; e a considerar-se a coisa por êste ponto de vista, a Demonialidade não seria mais grave que a Bestialidade.

115. Entretanto, a opinião comum quer que seja mais grave; e eis aqui, a meu ver, o que pode justificar esta maneira de ver: é que existe pecado contra a Religião em tôda comunicação com o Diabo, seja em virtude de um pacto, seja sem pacto, como, por exemplo, ter com êle relações de costumes ou de familiaridade, ou lhe pedindo socorro, aviso, favor, ou procurando dêle obter a revelação das coisas futuras, o conhecimento

das coisas passadas, ausentes ou escondidas. Homens e mulheres, unindo-se assim com os Íncubos sem saberem que são animais, mas acreditando serem diabos, pecam por intenção ou êrro de consciência, *ex conscientia erronea,* e seu pecado é o mesmo, tendo trato com os Íncubos como relação com os diabos; de onde segue que a gravidade de seu crime é exatamente a mesma.

APÊNDICE

O Manuscrito de a Demonialidade resolve-se pela conclusão que acabamos de ler. Do ponto de vista puramente filosófico e teórico, a obra é completa: pois bastava ao autor determinar em têrmos gerais a gravidade do crime, sem ocupar-se do processo a seguir, para estabelecer a *prova,* nem do *castigo* a ser proclamado. Estas duas questões, no entanto, tiveram naturalmente lugar de destaque na grande obra *De Delictis et Poenis,* que é um verdadeiro *Código do Inquisidor;* o padre Sinistrari d'Ameno não poderia deixar de revolver o assunto com todo o cuidado e tôda a consciência, cujas provas foram dadas nas páginas precedentes.

Muito estimamos encontrar aqui esta conclusão prática do *Livro dos Demônios.*

(Nota do Editor)

PROVA DA DEMONIALIDADE

* * *

SUMÁRIO

1. Distinções a se estabelecer na prova do crime da Demonialidade;
2. Indícios que sirvam para provar o contato de uma Feiticeira com o Diabo.
3. Para uma prova absoluta, é indispensável a confissão do próprio Feiticeiro;
4. História de uma Freira que mantinha relações com um Íncubo;
5. Se a acusação se apóia no relato de testemunhas oculares, pode-se recorrer à tortura.

* * *

1. No que toca à prova de tal crime, é necessário distinguir a espécie de Demonialidade: a saber, aquela que é praticada entre Feiticeiras ou Feiticeiros e o Diabo, de um lado, e de outro, a que outras pessoas praticam com os Íncubos.

2. Quanto à primeira, estando provado o pacto feito com o Diabo, fica a Demonialidade pela mesma razão provada; pois a finalidade das Feiticeiras como também dos Feiticeiros, nos *sabat* noturnos, é a relação infame após os festins e as danças: quanto à outra, não pode existir testemunha do crime, porque o Diabo, que é visível para a Feiticeira, fica oculto para os olhos dos outros. Algumas vêzes, é verdade, mulheres foram vis-

tas nas florestas, nos campos, nos bosques, deitadas de costas, *ad umbilicum tenus nudatae, et juxta dispositionem actus venerei,* as pernas *divaricatis et adductis, clunes agitare,* como escreveu Guaccius, liv. 1, cap. 12, v. *Sciendum est soepius,* fol. 65. Em caso semelhante, a presunção do crime de Demonialidade seria muito forte, sendo estabelecido que existia, além do que, outros indícios; e acredito que um tal ato, suficientemente provado por testemunhos, autorizaria o Juiz a empregar a tortura para conhecer a verdade; sôbretudo se, pouco depois dêste ato, se tivesse visto elevar-se a mulher como fumaça negra, e empertigar-se então, como escreveu ainda Guaccius: pois nessa fumaça ou nessa sombra se poderia ver o próprio Demônio, *concumbentem cum foemina.* Da mesma maneira que, como se observou mais de uma vez na narrativa do mesmo autor, se viu uma mulher *concumbere cum homine,* a qual, findo o ato, desapareceu de repente.

3. De resto, para provar de maneira concludente que um homem é um Feiticeiro ou uma mulher uma Feiticeira, é necessário que se obtenha sua própria confissão: pois não pode existir dêste acontecimento nenhum testemunho, a menos talvez que outros Feiticeiros deponham no processo contra seus cúmplices; mas, mesmo que estejam vinculados ao crime, sua palavra não é concludente nem suficiente para autorizar a tortura. Seria necessário que houvesse outros indícios como, por exemplo, o sinal do Diabo impresso em seu corpo, como dissemos acima (nº 23), ou, após perquirição feita em suas casas, tenham-se encontrado sinais e instrumentos de arte diabólica, tais como ossos de mortos, sôbretudo um crânio; cabelos artìsticamente arranjados, nós de plumas embrulhados; asas, pés, ou ossadas de morcêgos, de sapos, de serpentes; grãos de várias espécies, figuras de cêra, vasos repletos de pólvora ou de óleo, ou ungüentos desconhecidos, etc., como descobrem freqüentemente os Juízes que, sôbre uma acusação dêste gênero levantada contra Feiticeiros, procedem à inquirição e a uma visita domiciliar.

4. Quanto à prova da relação com um Íncubo, a dificuldade é a mesma; pois o Íncubo, assim como os

"Inferno" afrêsco — 1410-1420 Giovanni da Modena

Diabos, torna-se quando quer invisível para os outros menos à sua amada. Entretanto, acontece muitas vêzes de os Íncubos se deixarem surpreender, tanto de uma forma como de outra em flagrante delito de coabitação carnal com as mulheres.

Em um Monastério (não cito seu nome nem o da cidade onde está situado para não trazer à memória um velho escândalo) havia uma Freira que, a propósito de nada como é de hábito das mulheres, e sobretudo das Religiosas, estava zangada com uma outra Freira que ocupava a cela contígua à sua. Esta, pássaro astucioso, estando posta a espiar todos os passos e modos de sua inimiga, observa dias seguidos, durante o verão, que em vez de passear com as outras no jardim ao sair da mesa, ela se afastava para recolher-se em seu quarto, fechando a porta com firmeza. Vivamente intrigada, nossa observadora querendo saber o que poderia fazer a outra durante todo o tempo, para êsse fim fecha-se também em sua cela. Dentro em pouco percebeu que duas pessoas falavam em voz baixa (isto era fácil pois as duas celas estavam separadas apenas por um tabique muito fino); depois certo ruído de aproximação (1),

---

(1) Poppysmatum. Sendo esta expressão pouco usada, não será inútil consignar aqui a definição que dá o **Glossarium eroticum linguae Latinae** (autor P.P., Paris, 1826):

POPPYSMA. — Oris pressis sonus, similis illi quo permulcentur equi et et canes. Obscene vero de susurro cunni laborium, quun frictu madescunt.

O P. Sinistrari, muito versado na literatura clássica, fêz proveito do seguinte epigrama de Martial (1, vii, 18):

IN GALLAM

Quum tibi sit facies, de qua nec foemina possit
Dicere, quum corpus nulla litura notet;
Cur te tam rarus cupiat, repetat que fututor,
Miraris? Vitium est non leve, Galla, tibi.
Inguinibus, cunnus non tacet, ipsa taces.
Accessi quoties ad opus, mixtisque movemur
Di facerent, ut tu loquereris, et ipse taceret!
Offendor cunni garrulitate tui
Pedere te mallem: namque hoc nec inutile dicit.
Symmachus, et risum res movet ista simul.
Quis ridere potest fatui poppysmata cunni?
Quum sonat hic, cui non mentula mensque cadit?
Dic aliquid saltem, clamosoque obstrepe cunno:
Et si adeo muta es, disce vel inde loqui.

(Nota do Editor.)

rangidos de leito, gemidos, suspiros, *quasi concumbentium;* isto era demais e sobreexcitava sua curiosidade: redobra a atenção a fim de saber quem estava na cela. Mas, como por três vêzes viu apenas sair a Freira sua inimiga, supõe que um homem se havia secretamente ali introduzido e que ela o escondia. Então relata o fato à Abadêssa que, após tomar conselho com pessoas discretas, quis escutar os ruídos e observar os indícios que lhe haviam denunciado, com receio de agir precipitadamente e sem reflexão. Em conseqüência, a Abadêssa e seus confidentes postaram-se no quarto, em observação, e ouviram perfeitamente as vozes e os ruídos assinalados. Fêz-se uma pesquisa para se assegurar que uma das Reliigosas não estava fechada com outra nesta cela, e sendo o resultado negativo, a Abadêssa e seus acompanhantes se apresentaram na porta da cela fechada onde bateram por diversas vêzes, mas em vão: a Freira não queria responder nem abrir. A Abadêssa ameaçou forçar a porta e ordenou mesmo a uma irmã leiga que usasse uma alavanca. Com esta ameaça a Freira abriu sua porta: feito o exame não se encontrou nada. Interrogaram-na: com quem conversava? porque aquêles rangidos de leito, aquêles suspiros, etc.? ela negou tudo.

Enfim, como o caso continuava mais atraente, a Freira rival, tornando-se mais atenta, mais curiosa que nunca, imagina fazer um buraco no tabique, de maneira a poder ver o que se passava na cela; e que viu? um elegante adolescente deitado com a Religiosa. As outras Freiras vieram a seguir, e viram a mesma coisa. A acusação foi dentro em pouco levada diante do Bispo: a Freira culpada quis tudo negar outra vez, mas, aterrorizada pela ameaça da tortura, terminou por confessar que tinha tido relação com um Íncubo.

5. Desde que, portanto, houve indícios da natureza do que foi relatado, teve lugar, após rigoroso exame, o pronunciamento do ato de acusação; todavia, por motivo da confissão imperfeita da acusada, o delito não

pôde ser considerado como plenamente provado, mesmo porque o congresso seria atestado por testemunhas oculares, e acontece algumas vêzes que o Diabo, a fim de perder uma inocente, simula tal congresso com aparências fantásticas. É por isso que o Juiz Eclesiástico deve, em caso parecido, informar-se sòmente com seus próprios olhos.

CASTIGOS

Quanto aos castigos aferentes à Demonialidade, nenhuma lei civil ou canônica, que eu saiba, se refere a um crime dêste gênero. Entretanto, como um tal crime pressupõe pacto e sociedade com o Demônio, apostasia da lei, sem falar nos malefícios e outras infâmias em número quase infinito que cometem os Feiticeiros, fora da Itália é punido com a fôrca e com o fogo. Na Itália é muito raro os Inquisidores entregarem êsses infelizes ao braço secular.

NOTÍCIA BIOGRÁFICA (1)

O Padre Luiz Maria Sinistrari, da Ordem dos Menores Reformados na estrita Observância de São Francisco, nasceu em Ameno, pequena cidade do distrito de Saint-Jules, na diocese de Novare, a 26 de fevereiro de 1622. Recebeu educação liberal e fêz seus estudos de humanidades em Pávia, onde entra, em 1647, para a Ordem dos Franciscanos. Consagrando-se então ao ensino, foi primeiro, professor de Filosofia; depois ensinou na mesma cidade Teologia, durante quinze anos consecutivos, tendo concorrido para que numerosos estudantes atraídos por sua reputação viessem de todos os países da Europa. Suas predicações nas principais cidades da Itália, ao mesmo tempo em que se faziam admiradas por sua eloqüência, produziam entre os piedosos os melhores resultados. Igualmente caro ao Século e à Religião, recebeu da natureza os dons mais brilhantes: estatura robusta, talhe alto, visão aberta, fronte larga, olhos vivos, tez corada, conversa agradável e fluente (1); mas o que era mais precioso, é que também possuía os dons da graça, que lhe permitiam suportar com resignação invencível os ataques de uma doença artrítica à qual estava sujeito: admirável além do mais por sua humildade, sua candura e sua submissão absoluta às regras de sua Ordem. Homem de tôdas as ciências (2), aprendera sem mestre as línguas estrangeiras, e muitas

---

(1) "Quadrato corpore, statura procera, facie liberali, fronte spatiosa, oculis rutilantibus, colore vivido, jucundae conversationis, ac lepidorum salium."

(2) "Omnium scientiarum vir."

vêzes nas Reuniões gerais de sua Ordem, em Roma, sustentava teses públicas *de omni scibili*. Todavia, dedicava-se particularmente ao estudo dos Direitos Civil e Canônico. Ocupou em Roma o pôsto de Consultor no Tribunal supremo da Santa Inquisição; foi durante perto de dois anos Vigário Geral do Arcebispado de Avignon, e depois Teólogo agregado ao Arcebispo de Milão. Em 1688, encarregado pelas Reuniões Gerais dos Franciscanos a compelir os estatutos da Ordem, se desempenha dessa tarefa em seu tratado intitulado *Practica criminalis Minorum illustrata*. Morreu no ano da graça de 1701, a 6 de março, com a idade de setenta e nove anos (3).

(3) As Obras completas do P. Sinistrari (Romae, Giannini, 1753-1754, 3 vol. in-folio), compreendem os seguintes livros: **Practica criminalis Minorum illustrata, Formularium criminale, De incorrigibilium expulsione ab Ordinibus Regularibus, — De Delictis et Poenis**, às quais convém acrescentar a presente obra: **De Doemonialitate**, publicada pela primeira vez em 1875.

C A R T A DO REVERENDO PADRE PROVINCIAL DOS CAPUCHINHOS PARA A PROVÍNCIA DE P....

P..., sexta-feira (8 de outubro de 1875).

Pax

Senhor Esidore Liseux,

5, rue Scribe, Paris.

Percorri a obra que me mandastes ontem e, verdadeiramente, fiquei contente com a edição; não é ainda o momento de dar minha impressão sôbre o valor da obra em si mesma. Aqui vós não terieis encontrado, de fato, as outras obras do R. P. Luiz Maria d'Ameno, além de seu livro: Practica criminalis Minorum; *o* De Delictis et Poenis *se encontra, penso, em outro de nossos conventos; mas vós teríeis recebido uma excelente acolhida. Acredito que Des Grieux quase não tem habitado o Santo Suplício atual, que data de 1816.*

Observei, à página 132-133, um êrro de tradução muito grave: tomastes Carthusia Ticinensis *por* Chartreuse du Tessin, *quando se refere à formosa Cartucha de Pávia, muito conhecida de todos os viajantes na Itália. Há também, o quanto um lance de olhos superficial me permitiu observar, alguns outros erros; mas em suma, a obra é boa, e podeis receber as felicitações de*

Vosso muito pequeno servidor

Fr. A. . . .
o.m.c.
m.p.

Convento dos Capuchinhos, rua...

Editado pela Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda., para Coordenada Editôra de Brasília Ltda. — 1969

Em O LIVRO DOS DEMÔNIOS, um padre capuchinho faz um curioso estudo do demonismo, dos possuídos e coloca, freudianamente, o problema de um ponto de vista mesmo da repressão sexual; é aí que o livro foge do fantástico e se instala na área científica dos estudos sociais e da psicologia. É tudo isso que ainda faz atual êste livro sôbre um tema que atrai cada vez mais o interêsse dos leitores de nossos dias.

C. L. B.
0102.09